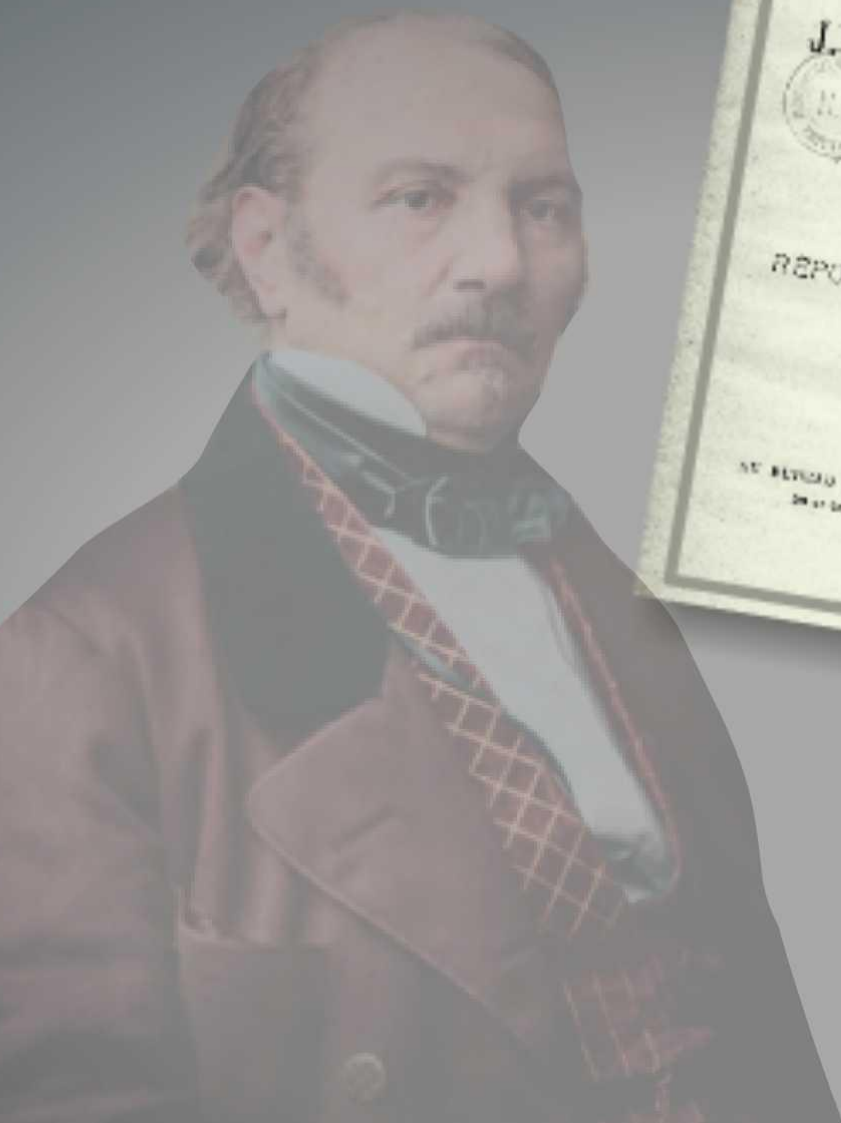


União Espírita Francesa

J.-B. ROUSTAING DIANTE DO ESPIRITISMO RESPOSTA A SEUS ALUNOS



Autores Espíritas Clássicos



www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

J.-B. ROUSTAING DIANTE DO ESPIRITISMO **Resposta a seus alunos**

União Espírita Francesa

Original em francês, de 1883:

J.-B. ROUSTAING DEVANT LE SPIRITISME

Réponse à ses élèves

Tradução: Abílio Ferreira Filho

Prefácio: Jorge Hessen

Revisão: Irmãos W.

Formatação: Ery Lopes

Versão digitalizada:

© 2019

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



UNIÃO ESPÍRITA FRANCESA

J.-B. ROUSTAING
DIANTE
DO ESPIRITISMO

RESPOSTA A SEUS ALUNOS

PARIS
AU BUREAU DU JOURNAL :
LE SPIRITISME
UNION SPIRITE FRANÇAISE

Passage Choiseul, 39 e 41
1883

ÍNDICE

Prefácio — pag. 6

Introdução — pag. 10

J.-B. ROUSTAING DIANTE DO ESPIRITISMO

Allan Kardec e Roustaing (1º artigo) — pag. 14

Resposta ao Senhor Guérin — pag. 18

Uma ameaça no horizonte — pag. 24

Observação — pag. 34

Ao Sr. J. Guérin — pag. 36

Allan Kardec e Roustaing (2º artigo) — pag. 39

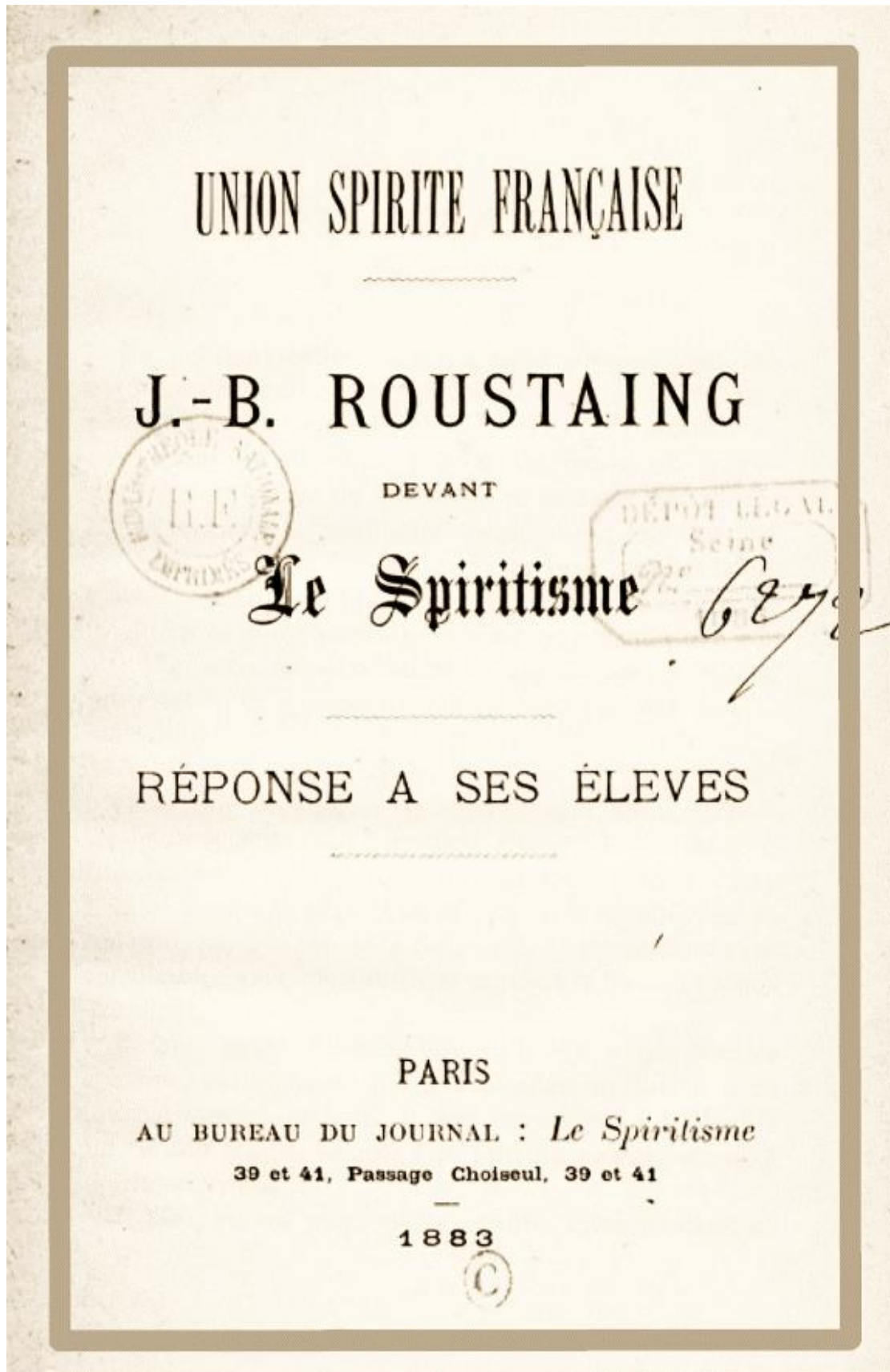
Opinião — pag. 44

Grito de alarme — pag. 45

Conclusão — pag. 54

ANEXO

Roustaing contra Kardec — pag. 58



Capa do livro original publicado pela União Espírita Francesa
Ebook disponível no site da **Biblioteca Nacional da França**

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3133310.r=I%27union%20spirite%20fran%C3%A7aise?rk=21459;2>

PREFÁCIO

Aqui constam alguns testemunhos marcantes ocorrido no movimento espírita francês do século XIX, que o leitor encontrará nos documentos que compõem este livro eletrônico, editado por *Autores Espíritas Clássicos*.

Em 1883, logo após a desencarnação de Amélie-Gabrielle Boudet, os senhores J. Guérin e P.-G. Leymarie, dois roustainguistas alienados, geraram fragorosa confusão doutrinária nas hostes do movimento espírita francês por causa da publicação da brochura intitulada *Resposta aos críticos e adversários de Os Quatro Evangelhos de Roustaing*, distribuída por Leymarie através da *Revista Espírita* de junho de 1883. Dentre inúmeras estupidezes o restolho literário (brochura) acusava Allan Kardec de injusto, desviado, infiel, prepotente, arrogante, monopolizador, autoritário etc., simplesmente porque o Codificador rejeitou as desvairadas teses do bastonário de Bordeaux.

O advogado obsidiado de Bordeaux era para Guérin e Leymarie um professor em matéria de Espiritismo (pasmem!). Para os dois pacóvios, Kardec desviou-se, esquecendo que devia ser fiel à advertência dos Espíritos superiores: pois devia ajudar a fazer reconhecer e aceitar as bases da fase teológica. Pois “Allan Kardec achou-se convocado e o único convocado. Mas não deveria empreender o monopólio de um sistema preconcebido. É o que teria compreendido, se fosse humilde e desinteressado. Kardec, por se achar infalível, se fez monopolizador como todo aquele que se atribui o privilégio de uma infalibilidade intransigente. Kardec proscreeu todos os homens de estudo e de boa vontade que não souberam se curvar ao jugo de seu autoritarismo”. A cereja do bolo da brochura *Resposta aos críticos e adversários* afirma que Roustaing foi declaradamente escolhido para começar a obra teológica da qual ele inaugura, publicando em 1866 os três volumes dos Quatro Evangelhos.

Por causa desses maníacos muitas vozes se levantaram em defesa de Kardec. A exemplo de Sophie Rosen (Dufaure), ex-vice-presidente da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos de Paris. Sophie declarou que foi Leymarie o autor do entulho literário a cogitar: Quem são os discípulos de Roustaing? Quem tem lido os artigos do sr. Leymarie nesses quinze anos, não achará difícil reconhecer seu gênero, estilo e expressões habituais. Por quatro anos, Leymarie tem feito palestras sobre os Evangelhos de Roustaing tanto na Bélgica quanto na França. Tendo recebido de Guérin cem mil francos pela Sociedade, cinco mil francos para as conferências e um prêmio de três mil francos para o melhor trabalho sobre Roustaing! Isso, porém, não deveria ter sido motivo para desviar a Doutrina de seu caminho e insultar Allan Kardec.

Nesse turbulento contexto o senhor Michel Rosen reclamou, denunciando que tinha recebido a brochura *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing - resposta a seus críticos e a seus adversários, pelos alunos do Senhor Roustaing*. Brochura escrita com uma perfídia digna dos discípulos de Loyola. Ademais se o senhor Roustaing tivesse posto em prática o bom senso não atacaria o senhor Kardec.

A madame Berthe Fropro, amiga devotada do senhor e da senhora Kardec escreveu em resposta ao senhor Guérin: Em um artigo da Revista do mês de agosto, intitulado: "Allan Kardec e Roustaing", o autor, o senhor Guérin transmite diversas proposições que acreditamos em oposição absoluta com os princípios da doutrina espírita. Pois que Allan Kardec, de uma lógica primorosa, foi bem reservado, para explicar a vida de Jesus, diferente das hipóteses arriscadas como as que são feitas pelos Espíritos que assistem o senhor Roustaing.

A senhora Sophie Rosen denunciou as seitas que disputam a precedência junto aos legítimos discípulos de Kardec: a exemplo do Teosofismo, que é fácil convencer de sua incompatibilidade com nossas íntimas convicções. A recepção que Leymarie recebeu dos espíritas nas assembleias dos dias 6 e 21 de março de 1883, denota a impossibilidade se transplantar para o Espiritismo os delírios de Blavatsky e Roustaing. Durante cinco anos, nós temos solicitado ao teosofismo sua base racional; Leymarie não pôde nos fornecer. Pelo tempo em que correm as mistificações é permitido perguntar sobre o que o Senhor Roustaing estabelece a certeza de todas as célebres identidades?... Eis que estamos

novamente colocados entre o livre-arbítrio espírita e o Dogma: qual aceitar?

Enquanto o Codificador nos diz: “Controlai todas as comunicações que vos são dadas”; o Senhor J.-B. Roustaing, impôs tiranicamente (Pessoas bem informadas asseguram que o Senhor J.-B. Roustaing fez esse trabalho sob a influência de uma forte obsessão) por Espíritos que assinam são Pedro, são Paulo, Moisés, etc. Recebido comunicações às quais somente lhe emprestava um escopo sério!

Em verdade o Senhor J.-B. Roustaing deixa por testamento mais de 40.000 francos para a propagação dessas teorias [bizarras], como elas deverão ser aceitas como autênticas?

O senhor MENDY, um capitão aposentado de Nante escreveu para Guérin, advertindo-o que era uma deslealdade a publicação do libelo não assinado intitulado: *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing - resposta a seus críticos e a seus adversários, editado pelos alunos de J.-B. Roustaing*. Quais alunos?... Seus nomes?... Como têm a coragem de seu ato?... Como, Senhor, não souberam de modo algum murchar semelhante anonimato?... Sim, deslealdade essa publicação buscando manchar a memória de um honesto homem [Kardec]!

Berthe Fropo pronunciou ao Senhor Guérin que deveria convir; os anônimos esperaram a morte da Senhora Kardec para fazer aparecer essa brochura dois ou três anos após a morte do Senhor Roustaing. Sobre os quatro evangelhos. Eu li a obra de Roustaing há 15 anos. A lembrança não é agradável e, malgrado o apelo feito a minha consciência, eu não me sinto com coragem. para relê-lo.

Outro testemunho foi de Michel Rosen, que escreveu: É, pois, pela intermediação da União Espírita Francesa, que minha voz poderá se misturar ao clamor geral, sublevado pela vingança póstuma do Senhor Roustaing. Eis aqui minha refutação, primitivamente destinada à *Revista*, sob o título: Ainda a brochura Roustaing, e que eu devolvi mais enérgica desde a recusa do senhor Leymarie.

O senhor Thibaud, de Bordeaux, escreveu no dia 27 de junho de 1883, para Gabriel Delanne, afirmando que estava impressionado com o panfleto publicado em Bordeaux, sob os auspícios e com o concurso pecuniário do Senhor Guérin, por pretensos alunos de Roustaing. Thibaud informa que ele e seus amigos leram com satisfação, no último número de *O Espiritismo*

da União Espírita Francesa, a expressão da legítima indignação que tal brochura levantou em todos os espíritas honestos e dos quais Delanne se fez o intérprete.

Mais adiante o senhor Michel Rosen, espírita da primeira hora, que tendo vivido longos anos na intimidade do Senhor e Senhora Kardec, lembra que em junho de 1866, Allan Kardec fez, na *Revista Espírita*, um relatório sobre os *Quatro Evangelhos* do Senhor Roustaing. Este [Kardec], “homem muito liberal, muito honesto” (p. 314), em resposta a essa refutação Roustaing (ou seus discípulos) escreveu, contra o Kardec, uma brochura, verdadeiro panfleto, que, por sua ordem, seus executores testamentários acabaram de editar milhares de exemplares e de enviar, diretamente e gratuitamente, a todos os espíritas da França e do Estrangeiro.

Ah! Eu compreendo a grande cólera do Senhor Roustaing contra o controle universal! — explica Rosen, afirmando que Roustaing desdenhou e viu o que isso lhe custou! Não contente então de rejeitar o controle universal, que é um traço de gênio e de consciência, o senhor Roustaing suspeitou da lealdade de Kardec, até na maneira como ele o aplicou. A exemplo de seu mestre e conforme sua ortografia defeituosa, os alunos do senhor Roustaing nos chamam “Kardecuistas” (Kardecistas, se vos agrada) infalíveis.

De algum lado que venha o ataque: seita Roustaing, Teosofismo ou outros sofismas, vós não abalareis de modo algum a obra imortal que o divino Missionário [Kardec] edificou sobre a rocha. Os continuadores de Allan Kardec não reclamam hoje de um corpo de doutrinas religiosas, mas de um corpo de doutrinas científicas. Eles se reuniram, há alguns dias, em assembleia geral e decidiram por unanimidade que o antigo título de “Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec”, fosse modificado assim como se segue: A Sociedade toma a denominação de “Sociedade Científica do Espiritismo”. Eis aí o que se chama andar com seu tempo. Sim, ela vai nos reservar boas surpresas. Suprime-se o nome venerado de Allan Kardec para tomar o título de “Sociedade científica do Espiritismo”. Sobe essa denominação tão hábil quanto elástica abrigar-se-á tal sistema como se quiserá: Teosofismo, doutrina de Roustaing, etc., etc...

Jorge Hessen

São Paulo - SP, 8 de fevereiro de 2019

INTRODUÇÃO

Ao publicar esta brochura, devemos algumas explicações preliminares aos nossos leitores que, não estando cientes da questão, poderiam se deixar induzir em erro pelos sofismas no meio dos quais tentam mudar aspectos e procedimentos injustificáveis. Sofismas a serem assinalados, pois eles emanam da própria Direção que, tendo responsabilidade sobre almas, devia, antes de tudo, ser o exemplo de uma fidelidade incorruptível à causa que ela afirmava representar. Ora, sua atitude, em diversas ocorrências, demanda um enérgico protesto de quem quer que se recuse a partilhar a responsabilidade.

Somos daqueles.

É preciso que os adeptos sinceros saibam conduzir seus olhares para encontrar, em toda sua integralidade, essa sublime filosofia dos Espíritos cujo plano Allan Kardec recebeu e nos legou o desenvolvimento indefinido, por processos racionais e científicos inconciliáveis com os subtítulos ocultos e os compromissos hipócritas.

É preciso, também, estabelecer muito bem que não existe outro esquema, entre nós, senão a singular evolução de um jornal, órgão primitivo de nossas crenças que, desde certo tempo, parece ser em tudo no mundo, exceto espírita convicto.

É preciso, em uma palavra, colocar cada elemento em sua própria esfera, repudiar toda solidariedade de má índole e deixar o público julgar!

É o triplo objetivo das páginas que submetemos ao leitor.

Fatos consideráveis foram bastante produzidos recentemente no mundo espírita. São eles:

1º. A criação de nossa Sociedade;

2º. A propaganda teosófica;

3º. A agressão póstuma de J.-B. Roustaing, contra Allan Kardec e a sua

obra.

Graves equívocos surgiram desses três acontecimentos e puseram em risco, em se prolongando, de dividir os adeptos de uma mesma fé sobre simples questões de nomes mais ou menos influentes entre nós.

Chegou a hora de esclarecer com nitidez as situações. O dever se impõe à União Espírita Francesa que não sendo uma personalidade, mas um paládio de um princípio, está perfeitamente qualificado para cumpri-lo.

E primeiro lugar, quando, ao lado da Sociedade para a continuação das obras de Allan Kardec, nós nos constituímos como centro ativo de estudos e propaganda espíritas, a palavra cisão pronunciada a alta voz, passou rapidamente de boca em boca e enganou aqueles cuja clarividência, já há muito tempo se achava defeituosa. Quanto a nós, vivamente batidos pelo perigo em que pode ocorrer uma causa centralizada nas mãos de alguns homens entrincheirados em sua onipotência, sobretudo quisemos dar ao Espiritismo uma salvaguarda inviolável: a vigilância e o concurso de **todos aqueles que o professam com sinceridade**.

Por isso, tivemos que fundar um jornal aberto a toda verdade **demonstrada**; mas, de comum acordo, proscrevemos disso as filosofias puramente especulativas e por aí mesmo desprovidas de sanção, como também, os sistemas evidentemente **hostis** a nossas convicções científicas consagradas por trinta anos de estudos experimentais.

Nossa publicação tende a condensar, a agrupar simpaticamente os elementos do espiritismo para permitir fácil assimilação, ao realizar nele, todos os progressos que ele engloba; de resistir eficazmente a todas as ambições e ódios que podem ameaçá-lo, e manter intactos seus princípios fundamentais, tanto tempo quanto necessário à nossa ascensão em direção das mais completas verdades e mais elevadas ainda.

A nossos olhos, um jornal espírita que, **sob o pretexto de "tolerância e de livre discussão"** abrigue teorias cuja pretensão **confessada** é substituir o Espiritismo ou, somente, diminuí-lo, esse jornal, digamos, mente em seu título como em sua missão.

O sol da publicidade se irradia, para todo o mundo; nada impede por isso que nossos adversários tenham também seus jornais; mas fazer, nos nossos, sua propaganda e seu anúncio, em detrimento de nossa própria causa, seria odioso ainda mais inepto.

Se toda a redação espírita o tivesse compreendido, não seríamos

constrangidos, hoje, a vir defender Allan Kardec e sua doutrina contra as complacências de uma imprensa que, fraca até a defecção, em favor dos inimigos do Mestre, se mostra implacável contra seus adeptos mais devotados.

Os fundadores da União Espírita Francesa, constatando de longa data, os sintomas precursores de uma crise certa, desejaram conjurá-la; não dependeu deles que ela tivesse lugar. Uma primeira advertência, publicada em nossa folha (junho de 1883) não teve resultado; agora é muito tarde; diante dos procedimentos inexplicáveis dos quais somos testemunhas, dois únicos partidos nos são oferecidos: ou nos tornar cúmplices de manobras que se fazem contra a Doutrina, ou nos liberar publicamente de nossa responsabilidade. Nessa rigorosa alternativa, não saberíamos hesitar: protestamos; o cumprimento desse dever nos fornecendo, de resto, uma ocasião solene de dissipar as obscuridades que planam ainda sobre nossas origens e nossas intenções. Ao nos afirmar, com provas fundamentais para o que somos, nós destruimos as prevenções lamentáveis, equívocos mais ou menos voluntários e, sobretudo, demonstramos que a *cisã* da qual se faz tanto barulho, se reduz à defesa leal da causa espírita, em nome da qual nós precavemos nossos irmãos contra as empretadas trevasas que lhe tomam emprestado sua bandeira, a fim de se introduzir mais seguramente no lugar.

Pela *União Espírita Francesa*:

Sophie Rosen (Dufaure)

Ex-vice-presidente da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos de Paris

J.-B. ROUSTAING
DIANTE DO
ESPIRITISMO

ALLAN KARDEC E ROUSTAING

(1º ARTIGO)

Acabo de receber uma brochura intitulada “*Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing, resposta a seus críticos e a seus adversários, pelos alunos do Senhor Roustaing*”.

Em primeiro lugar, “*O Espiritismo cristão ou a Revelação da Revelação, os Quatro Evangelhos, seguidos de mandamentos explicados em espírito e em verdade pelos Evangelistas assistidos dos Apóstolos, recebidos e colocados em ordem por J.-B. Roustaing*”, tem ele adversários e críticos? O tempo fez justiça a essa obra, pois poucas pessoas a leem; eu a li há quinze anos. Acreditei estar fazendo um grande ato de virtude indo até o final, pelo tanto que ela era fatigante.

Essa brochura¹ é escrita com uma perfídia digna dos discípulos de Loyola. Não há um espírita, quero assim crer, que escreveria dessa forma; fosse ele um admirador fanático do senhor Roustaing: Eis a prova tirada da *Revelação da Revelação* (p. 281).

¹ Pelas razões acima indicadas (p. 45, nota 1), eu vou ressaltar esse artigo, publicado pela *Revista Espírita* (julho de 1883), alguns dos fragmentos que foram modificados ou suprimidos.

Esse exame comparativo nos elucidará sobre as considerações morais professadas por essa folha, cheia de admiração hipócrita por Kardec, para com aqueles que o defendem: (Michel Rosen)

"Essa brochura me parece faltar medida, não é espírita no meu ponto de vista, fossemos nós o admirador fanático do senhor Roustaing".

"Eis aqui a prova tirada da *Revelação da Revelação*, pag. 281.

Eu cito textualmente:

"Os verdadeiros adoradores"... etc.

Eu cito textualmente para fazer compreender o estilo.

"Os verdadeiros adoradores que o Pai requer, os adoradores do Pai em espírito e em verdade são todos aqueles que, qualquer que seja o culto exterior no qual a reencarnação o fez nascer, repudiam a materialização do culto, que não reconhecem outro templo para o Pai senão o do coração do homem, outro santuário senão a consciência do homem, e que se elevam em direção do Pai senão pela homenagem do pensamento, do coração e dos atos, por seus esforços sérios e sustentados na prática do amor de Deus acima de todas as coisas e do próximo como de si mesmo; que, não vendo *em todos os outros homens* senão irmãos, têm a fé em Deus e a caridade, sob todas as formas, segundo a lei do amor, se esforçando sempre na ordem física, moral e intelectual e na sinceridade do coração, jamais fazer aos outros, pela palavra e pelos atos, o que eles não quisessem que fosse feito a si mesmos; de fazer, do ponto de vista, do que é verdadeiro, justo e bom, aos outros, pela palavras e pelos atos; o que eles gostariam que fosse feito a si mesmos." (Cristo o disse mais simplesmente).

Bem, se o senhor Roustaing tivesse posto em prática, em espírito e em verdade, essas belas máximas, ele não atacaria o senhor Kardec, que ele considere somente como um missionário encarregado de escrever *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, mas que aí devia se ater a sua missão, à fase material. Eu pergunto aos espíritas se os *Evangelhos*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese* são livros inúteis? Mas quem proibia os Espíritos, de semear mais luz, de ditar também às médiuns do Senhor Kardec, os Evangelhos segundo o Espiritismo? Ninguém impediu o Senhor Roustaing de imprimir seu livro e distribuí-lo. Se o tempo e a *razão* dos espíritas fizeram a conspiração do silêncio e enterraram, em espírito e em verdade, a *Revelação da Revelação*, que fazer?

As reflexões e observações póstumas do Senhor Roustaing provam que ele foi ofendido pelo artigo da *Revista de Junho de 1866*, o que² denota muito orgulho; entretanto, esse artigo é pleno de mansuetude por uma obra que não dava nenhuma prova do que ela adiantava, no tocante à encarnação do Cristo, senão as comunicações do Espírito, seu guia. O autor tinha a intuição, pois não fez aparecer suas recriminações; não foi senão após sua morte que se apoderou para semear a desunião entre nós,

² Conforme a *Revista*: "O que denota um certo orgulho... etc."

esperando que se estabelecesse uma polêmica.

Eu espero que não; a glória de nosso ilustre Mestre não tem necessidade ser defendida, ela é bastante brilhante para ofuscar todos os pobres invejosos que se acham cegos. O Senhor Roustaing esperou que o tempo fizesse seu trabalho. Esse critério está feito, o esquecimento o envolve, e não é do fundo de sua tumba que ele poderá fazer reviver sua obra.

Eu não queria abordar a questão tocando o Cristo, eu não sou um sábio, graças a Deus; entretanto, eu li com atenção os trabalhos de Crookes, aí vi que a materialização do espírito de Katie só podia se obter quando a senhorita Cook, médium, estivesse em *transe e presente*. Poderiam me dizer por que o Cristo foi criança, pois que podia tomar um corpo fluídico, como Katie, e chegar à terra com a idade viril? Ele esperou até trinta anos para começar sua missão. Onde estava o médium para lhe dar os fluidos necessários à sua materialização? Isto é uma lei da natureza: é necessário um médium, e sempre o mesmo. Os apóstolos não falam nisso, Jesus muito menos, nem mesmo o espírito doceta do senhor Roustaing. Eis o resultado dos trabalhos científicos, não vos desagrada, em oposição com a *Revelação da Revelação* e com os autores da brochura, que tinham apelado a todos os homens de ciência, mesmo ao senhor Godin, que deve estar fortemente surpreso, esse honesto industrial, de se ver em tão ilustre companhia: Jesus, Brahma, Gautama, Zoroastro, Sócrates, Kepler, Newton, Calvino; nisso eu passo.³

Que fazem eles, oh meu Deus! Do magnífico sacrifício do Calvário? A traição de Judas, o abandono dos Apóstolos, a condenação do Inocente, o insulto, a tortura e a crucificação, esplêndido ensinamento da resignação no sofrimento, da obediência à vontade de Deus, nosso Pai, do perdão das injúrias e do amor da humanidade inteira, e tudo isso só seria uma aparência! Jesus teria mentido no sacrifício da cruz, teria representado uma comédia indigna! Há mil e oitocentos anos, a humanidade cristã teria chorado sobre sofrimentos apócrifos! Os mártires teriam sofrido em suas *carnes* torturadas por defender sua doutrina e se dizer seus servos; em nossos dias ainda, os missionários cheios de fé, de coragem, vão expor sua vida para levar a luz às hordas selvagens, e Jesus, o Messias de Deus, o

³ Todos esses nomes foram retirados, o que dá à frase precedente uma expressão que magoa para o honorável Senhor Godin, por quem temos em grande estima — MICHEL ROSEN.

Espírito protetor de nosso planeta, que deve nos conduzir à perfeição, teria começado sua missão pela fraude e pela impostura. Oh! Os insensatos ousam avançar em semelhantes erros!

Sim, somos desses espíritas aos quais é preciso um Jesus que sangra, que chora, que, sofrendo todo em farrapos, perdoa a seus carrascos. Em nome de nossa razão de espíritas Kardecistas, repelimos com toda a força de nosso amor pelo Cristo e sua sublime doutrina, os dogmas da Imaculada Conceção, da Divina encarnação para a operação do Espírito Santo, do mistério da Santíssima Trindade; tudo isso está no livro do senhor Roustaing.

Sede dogmáticos⁴, sectários, vós sois para isso perfeitamente livres; crede, senhores seus sábios discípulos; aos agêneres, aos súcubos, aos incubos; sede docetas se quereis, mas não nos imponhais vós vossas ineptas brochuras. Deixai-nos orar tranquilamente pelo espírito do senhor Roustaing, que deve ter necessidade disso, e por vós.

Berthe Fropo,

Amiga devotada do senhor e da senhora Kardec.

⁴ De acordo com a *Revista*:

“Sede dogmáticos, sectários, vós sois para isso perfeitamente livres; crede, Senhores sábios, nos agêneres, nos súcubos, nos incubo; crede docéticos se quiserdes, mas não nos imponhais vós vossas brochuras.”

O resto foi suprimido.

RESPOSTA AO SENHOR GUÉRIN



Em um artigo da *Revista do mês de agosto*, intitulado: "Allan Kardec e Roustaing", o autor, senhor Guérin, transmite diversas proposições que acreditamos em oposição absoluta com os princípios da doutrina espírita. Não nos cabe discutir as questões de personalidade contidas nesse artigo; mas, como espírita, temos o direito de examinar certas teorias que nos parecem contrários à lógica e ao ensino dado até esse dia pelos espíritos. Em primeiro lugar, nos parece que o senhor Guérin tem uma ideia muito alta do senhor Roustaing. Sem negar todas as qualidades de um homem que, por suas próprias capacidades, chegou a criar para si uma posição honorável no mundo, devemos reconhecer que sua obra *A Revelação da Revelação* está longe de oferecer aos pesquisadores as provas das teorias que sustenta. O estilo pesado e difuso do escrito contribui sem dúvida para a má impressão que se tem da leitura assídua dessa obra. Que diferença dos escritos de nosso Mestre Allan Kardec, em que tudo é lógica, clareza e concisão!

A influência de Allan Kardec se fez sentir no universo inteiro; suas visões tão justas e tão profundas revelaram ao mundo uma filosofia baseada em provas positivas, enquanto o presidente da ordem dos advogados de Bordeaux é apenas conhecido de alguns raros espíritas estudiosos. Nos parece então que não se pode estabelecer comparação entre esses dois homens, que não tiveram em comum senão o desejo de fazer o bem.

Allan Kardec, de uma lógica de primeira ordem, como o reconhecia o Senhor Guérin, foi bem reservado, para explicar a vida de Jesus, adiantar hipóteses tão arriscadas como as que são feitas pelos espíritos que assistem o Senhor Roustaing. Se nós temos bem compreendido a *Revelação da Revelação, os quatro Evangelhos seguidos dos mandamentos, etc.*, sobressai desse livro esse princípio: Que o Cristo não teve um corpo material como o nosso, "um corpo de lama e de barro", mas um envelope fluídico, materializado, não tendo senão a *aparência* de um organismo humano.

É de se observar que todas as religiões tiveram um interesse apaixonado de envolver de mistérios e de prodígios o nascimento dos reformadores. As mais extraordinárias histórias foram inventadas pela imaginação para explicar sua origem e dar uma sanção sobre-humana a seus ensinamentos. É sobretudo em meio dos costumes descontraídos da Ásia, que se implantou o dogma da concepção de virgens sob a influência Divina.

Alcmène gerou Alcide após ter conhecido um Deus (1.280 anos antes de Jesus Cristo); Ceres que gerou Osíris foi virgem não o deu à luz senão por ofício de Júpiter; Devaki, a mãe de Krishna, era uma mulher de uma pureza imaculada; Minerva, embora virgem, gerou Baco; enfim, a virgem Maria teria dado à luz o Cristo sob a ação do Espírito Santo.

Para todo observador desprevenido, é impossível ver neste último fato outra coisa senão a continuação das crenças antigas, relativas aos grandes homens; é o antropomorfismo tal como era praticado nessas épocas pouco esclarecidas, e São Paulo, ao instituir a divindade, fez mais mal ao Cristianismo do que todas as perseguições romanas. Os espíritos que guiam o Senhor Roustaing são os renovadores dessas ideias. Eles pregam o parto fluídico da Virgem, não é, sob uma forma apropriada às doutrinas atuais, a ressurreição do dogma da Imaculada Conceição?

Aliás, não está totalmente provado que o corpo do Cristo só tenha sido uma vã aparência; nos parece que os discípulos que conviveram com ele durante três anos, que as santas mulheres que o desceram da cruz e o sepultaram, não enterraram uma *aparência* de corpo, mas na realidade o cadáver do Cristo. Por que querer criar teorias em oposição tão formal com todos os dados da ciência? Não haveria aí uma derrogação flagrante das leis estabelecidas por Deus para a propagação da espécie humana? Como, se esse fato não seria produzido senão pelo próprio Cristo! Teria sido

objeto de uma manifestação especial do poder divino, ou dito de outra forma, tivesse sido empregado a seu respeito uso de leis só podem se aplicar a ele mesmo? Mas isso tem todo o caráter do milagre, e no pior sentido da palavra. Nossa razão se recusa a admitir semelhante interpretação da encarnação de Jesus. O Senhor Guérin crê que isso teria sido para o Cristo um retrocesso encarnar em um corpo terrestre; nos parece que até então não foi dito para os espíritos que vir em missão aqui fosse retrogradar. Ressalta, ao contrário, de tudo o que se nos tem revelado nesse assunto, que é prova de devotamento e abnegação de si mesmo que vir pregar aos homens as leis de amor e de fraternidade, submetendo-se como aqueles a todas as vicissitudes da matéria. Por que o Cristo não ensinou senão aos trinta anos? É que ele foi, assim como todos os encarnados, obrigado a aprender; suas faculdades intelectuais, extremamente desenvolvidas, lhe facilitaram a tarefa, mas não é menos verdadeiro que ele estudou nos templos. E o jejum de quarenta dias e a tentação que ele suportou não seriam insígnias mentiras se o Cristo não sofreu realmente essas provas? Onde estaria o exemplo a seguir, se aquele que deve dá-lo não tivesse sido, como nós, sujeito à dor? Nessas matérias nada pode melhor nos esclarecer senão a comparação. Imaginemos que um espírito elevado, o de um missionário, resolvesse encarnar no meio de populações selvagens do centro da África para fazê-los progredir; não seria obrigado a tomar um corpo como o deles? Suponhamos que pereça vítima de seu devotamento, não teria que aguentar todos os suplícios da morte terrestre? Onde, nesse caso, está a decadência? Nisso é menos sublime para atravessar as provas sem enfraquecer?

Ah, bom! O Cristo, que nós reconhecemos como o maior espírito que apareceu sobre a terra, está precisamente no mesmo caso. Ele sentiu a necessidade de pregar o exemplo, e ele nos deu, durante sua encarnação, o tipo da perfeição humana à qual devemos todos atingir.

É assim inútil, com efeito, falar das experiências de William Crookes de Friedrich Zöllner, de Alfred Wallace, etc., pois elas não têm nenhuma relação com o assunto do qual nos ocupamos. Crookes, por intermédio de um médium apropriado a esse gênero de manifestação, constatou que o espírito podia momentaneamente revestir um envelope carnal; mas isso somente com uma duração muito curta (duas ou três horas, no máximo), e tomar emprestado do fluido vital do médium que se acha, por esse fato, em

cataplexia. Isso não tem pois nada de comum com uma encarnação do Cristo; porque aí ainda, o espírito de Katie não tem uma *aparência* humana, mas um corpo como o nosso, que de fato tem de realidade e de tangibilidade quanto todos os organismos terrestres. Ela deixou mesmo pedaços materiais de sua vestimenta.

Não somente, a teoria do corpo fluídico de Jesus não é sustentável, mas onde a pretensão nos parece exagerada, é quando se quer colocar Allan Kardec em contradição consigo ele mesmo. O Senhor Guérin cita uma passagem de *Imitação do Evangelho*, sublinhando as frases em que, segundo ele, o Mestre daria razão às hipóteses do Senhor Roustaing. Retomemos essa citação:

"O papel de Jesus não foi simplesmente o de um legislador moralista sem outra autoridade senão sua palavra, *ele veio cumprir as profecias* que tinham anunciado a sua vinda; ele mantinha sua autoridade da *natureza excepcional de seu espírito* e da sua missão divina."

É notório que aqui Allan Kardec faz manifestamente alusão ao alto valor intelectual do Cristo; é, com efeito, um adiantamento excepcional entre os espíritos da terra, pois que nisso ele é o primeiro, e que tem missão de fazer progredir nossa humanidade. Além do mais, médiuns que se tem denominado profetas anunciaram sua vinda. O que há aí de extraordinário, e que possa justificar o Senhor Roustaing?

Prossigamos:

"Entretanto, ele não disse tudo, e sobre muitos pontos, ele se limitou a pôr o germe das verdades que ele mesmo declara não poderem ainda ser compreendidas; ele falou de tudo, mas em termos mais ou menos explícitos. Para alcançar o sentido oculto de certas palavras, seria necessário que *novas ideias* e *novos conhecimentos* viessem dar a chave, e esses progressos não podiam vir antes de um certo grau de maturidade do espírito humano. A ciência devia contribuir fortemente para a eclosão e o desenvolvimento dessas ideias; era necessário dar à *ciência* o tempo para *progredir*."

O Senhor Guérin acrescenta: "É suficientemente claro e concordante com o que Roustaing escreveu, para justificar a necessidade atual de uma interpretação mais racional dos Evangelhos?"

Bem, francamente, é preciso mais do que da boa vontade para trazer as frases citadas acima para os ativos da teoria do corpo fluídico. Quando

Allan Kardec escreve que são necessárias novas ideias e novos conhecimentos para compreender os Evangelhos, é evidente que ele quer por aí designar a ciência espírita que esclarecerá em um novo dia toda a vida de Jesus. O que o prova, é que nos Evangelhos ele não se serve nenhuma vez da hipótese do corpo fluídico, e, entretanto, ele dá dos milagres a explicação mais clara e a mais satisfatória. Sim, por meio de nossa Doutrina, tal como ela é exposta nas obras do Mestre, pode-se fazer compreender a todos, o que se denominou erroneamente de milagres. O Cristo, por sua grande pureza, sua elevação, possuía uma *ciência* e uma *força* bem superiores às nossas, mas das quais todos temos os germes em nós. Em nossos dias, não vemos médiuns curadores de um poder espantoso? Bem, tomai a faculdades de um desses, multiplicai-a pelo grau de adiantamento do Cristo, e explicareis todas suas curas. Quanto à sua dupla vista, ela era permanente, precisamente porque ele era muito mais elevado do que nós. Mas em tudo isso, não descobriremos nada que autorize o Senhor Guérin afirmar que Roustaing e Allan Kardec tivessem a mesma opinião e nós encontramos aí manifestamente as provas do contrário.

Do mesmo modo, o Senhor Guérin faz uma lamentável confusão, em proveito das teorias que ele sustenta, na seguinte passagem tomada emprestada a Kardec:

"Segundo o mundo sobre o qual o espírito é chamado a viver, *este toma o invólucro apropriado à natureza desse mundo*. O próprio perispírito sofre transformações sucessivas; ele se eteriza cada vez mais, até a depuração completa que constitui os espíritos puros. Se mundos especiais são como estações para os espíritos muito avançados, esses espíritos não são aí *presos* de forma alguma como nos mundos inferiores; o estado de desprendimento onde eles se acham, lhes permite se transportar por toda parte onde são chamadas as missões que lhes são confiadas."

A primeira frase dessa citação diz, claramente, que o espírito é obrigado a tomar o invólucro apropriado à natureza do mundo sobre o qual ele vem; ora, sobre a terra esse invólucro é o corpo humano. Mais tarde, ao progredir, os espíritos dos *mundos superiores* podem se transportar de um globo a outro para aí cumprir missões, mas chegando nesses mundos, eles revestem o invólucro que aí é necessário. Não vemos ainda em que Allan Kardec se contradiz ou dá razão ao Senhor Roustaing.

Resulta de tudo isso que Allan Kardec não compartilhou no mínimo as *hipóteses* que fazem do Cristo um ser fluídico. Como sua obra sobre o Evangelho, longe de ser uma *Monografia* das obras do Senhor Roustaing é, ao contrário, um livro atraente e bem escrito, que tem a vantagem de se achar em perfeita harmonia com o ensino geral dos espíritos e sobretudo com a razão. Não faltaram inspiradores espirituais para ditar teorias mais ou menos extraordinárias; mas o que fez a força de Allan Kardec é que sua revelação teve para ela o controle universal. E aliás lhe assegurou a predominância sobre as teorias fantasiosas dos Senhores Michel, Figanière, Roustaing, etc., etc.

Em nossa época de *ciência positivista*, de livre exame, enquanto nossas doutrinas têm tanta dificuldade de se implantar entre os gênios de ciência, não devemos aceitar senão os fatos bem demonstrados, as teorias reconhecidas corretas e em acordo com o ensino geral. É seguindo essa via sensata e prudente, que nosso Mestre conseguiu espalhar nossas crenças. Qual a necessidade de ressuscitar o mistério com vestimenta moderna? Por que querer espalhar doutrinas tão fantasiosas e tão pouco demonstradas?

Terminando diremos que os *discípulos* (?) do Senhor Roustaing teriam feito bem em dar o exemplo da concórdia e da fraternidade não publicando uma brochura onde estão contidos, contra o fundador da filosofia espírita, ataques tão injustos quanto violentos.

Mesmo o Senhor Roustaing compreendeu bem que ele era pouco digno, por uma questão de amor-próprio ofendido, de publicar um panfleto. Ele teria, portanto, o dever de verdadeiros espíritas de deixar cair no esquecimento, essas teorias natimortas e não demonstra a necessidade de fazê-las reviver. Essa polêmica não cabe, ela tinha talvez sua razão de ser há quinze anos, mas não mais hoje, em 1883.

Gabriel Delanne

UMA AMEAÇA NO HORIZONTE



Certas pessoas acusam o Espiritismo de patinar no mesmo lugar, porque esse último, prosseguindo em sua missão providencial, conquista o império das consciências, passo a passo, sem barulho, como convém nesse domínio. É no recolhimento interior que se elaboram as convicções. Para o espírito fiel que deseja e procura a verdade, o caráter estranho dos fenômenos é uma questão praticamente secundária: ele aí vê uma simples confirmação dos princípios revelados pela natureza sobre a indefinida continuidade de nossas evoluções progressivas. Um grande número entre nós era espírita convicto na ausência de toda manifestação. Para outros, foi suficiente obter, pelos movimentos típtológicos, uma comunicação inteligente sobre algum assunto desconhecido deles mesmos e dos assistentes. Nós **somos** espíritas por temperamento, de um modo mais ou menos latente; nós dificilmente **nos tornamos** espíritas; pois, uns suspeitam instintivamente da existência de fatos ocultos dos quais jamais fomos testemunhas; outros, repletos de provas irrecusáveis, permanecem em sua incredulidade. Se eu recordo esses casos, bem conhecidos de todos, é para precaver nossos irmãos contra um zelo, muito louvável da parte deles, mas cujo excesso nos leva a desconhecer os reais progressos do Espiritismo, e por consequência, a taxar este último de insuficiente diante de nossas aspirações. Evitemos essa sede **extraordinária** tão difícil de aplacar e que nos torna indiferentes, eu quase disse *ingratos*, para os fatos mais modestos, mas não menos conclusivos aos quais devemos nossa

certeza atual.

Dizer que eu não aprecio de modo algum os magníficos fenômenos de transporte, de escrita direta, de materialização? Deus me livre! Eu não saberia admirar muito aqueles que **eu vi**; mas sua presente raridade me faz pensar que se o momento de uma vasta eclosão se prepara, entre nós, por esse meio; se, como eu o aguardo e nele acredito, nós atravessamos uma nova fase de incubação espírita, devemos aguardar pacientemente o resultado; coisa tão fácil que de forma alguma não nos faz falta nos ocuparmos disso. Eu entendo, é verdade, que alguns adeptos reclamam às vezes **do novo**, como se se tratasse de um divertimento ou de uma moda; adivinha se aqueles não são justamente os mais sérios. **Do novo!** Que, ainda não se passaram trinta anos desde a aparição dessa vasta e luminosa filosofia; com dificuldade concebemos o incomensurável alcance sobre os destinos humanos, sobre o desenvolvimento ulterior do pensamento; menos ainda temos aplicado seus preceitos a nossa vida íntima, não mais que a nossas relações com o mundo, e já, acreditamos ter percorrido o ciclo de suas revelações e de suas influências; nós imaginamos que esgotamos sua divina seiva; já, reclamamos aos gritos **o novo!** E vários daqueles que acham o Espiritismo muito velho, nem mesmo têm conhecimento de todos os livros do Mestre, os quais, por essa razão ainda são *novos* para eles! Ora, eu falo sobretudo das pessoas *letradas*, pois, em geral, os pequenos, os obscuros, os deserdados, mais carentes de consolações, levados pelo turbilhão de afazeres e de prazeres, se nutrem, ao contrário, dessa leitura; e eu não esquecerei jamais quanta fé viva, alegre, atuante, quantas luzes repentinas, quanta resignação eu encontrei entre grupos trabalhadores onde se devia contribuir para comprar as obras de Kardec das quais, a cada sessão, se fazia uma leitura acompanhada de comentários de uma exatidão, de uma profundidade frequentemente espantosas.

O Cristianismo, ainda em pé hoje, data de vinte séculos e, entretanto, seu campo de investigação é tão mais restrito, como o Dogma não exige e não permite mais o exame que ele não suporta racionalmente, a menos que não se o tome no sentido figurado; nesse caso, ele cessa de ser Dogma para tornar-se filosofia e filosofia integrante do Espiritismo, que se acha assim, a reunir logicamente a soma total dos princípios submetidos a nossas pesquisas. Não seria então mesmo que nós, seus adeptos de ontem, tendo ainda tudo a aprender e não podendo abarcá-lo em seu conjunto, nós

deixamos escapar mil pontos diversos? De onde eu concluo que somos **nós** que, até nova ordem, não somos suficientes para a Doutrina. O que quer que seja, não esqueçamos de modo algum que, dia a dia, de algum modo, a ciência registra leis cujas bases o Espiritismo já tinha exposto; essa sanção positiva é o mais deslumbrante testemunho da alta origem deste último.

Deve-se inferir dessas palavras que eu preconizo o imobilismo e preparo as vias da infalibilidade? Não! Todos esses caros amigos, conhecidos e desconhecidos, dos quais eu recebo com alegria e gratidão as preciosas observações de simpática aprovação, somente, mas doce recompensa dos modestos trabalhos que ofereço a meus irmãos; aqueles, digo eu, sabem que eu protestaria pela necessidade — como já o fiz — contra tudo o que, de perto ou de longe, atentaria contra a autonomia do livre-exame, e é mesmo da inviolabilidade da consciência que eu digo neste momento: Ponhamo-nos em guarda! — Graças aos conselhos de Allan Kardec, temos o pé sobre um terreno sólido; possuímos, para nossos estudos, um critério correto. Cada uma de nossas experiências pessoais vem confirmar a seu turno as sensatas direções que o Mestre nos deixou para clarear nossas pesquisas. Nós o sabemos: os espíritos podem nos enganar; sua identidade, sempre difícil de constatar, por outro lado o bem, quando os manifestantes se dão como tendo vivido milhares de anos antes da idade atual. Por isso, se se trata de examinar vinda, mais ou menos, para desmentir fatos **provados** aos nossos olhos, quanta prudência devemos ter para não desperdiçar as curtas horas de nossa existência terrestre!

Ora, eis aqui duas seitas que disputam a precedência junto a nós:

A primeira, o Teosofismo, é fácil convencer de sua incompatibilidade com nossas íntimas convicções. A recepção que ele recebeu dos verdadeiros espíritas nas assembleias dos dias 6 e 21 de março último denota a impossibilidade se transplantá-lo para o Espiritismo. Quando dados fundamentais estão em oposição entre elas, pode, deve aí haver tolerância mútua entre crenças respectivas; mas a verdade *provada*, no menor dos seus domínios, é inimiga de *concessões*. As perguntas das pessoas podem dobrar, o princípio *demonstrado* permanece inflexível diante de um outro que nada afirma.

Desse lado, por isso, a defesa é relativamente fácil. Durante cinco anos, nós temos solicitado ao Teosofismo sua base *racional*, mas ele não pôde nos fornecê-la. A situação, como se vê, está perfeitamente nítida.

Contudo, em muito pouco tempo as fulgurações dessa tempestade se apagaram ao longe, que os militantes da causa espírita se encontram diante de uma tentativa da qual seu dever assinalar aqui o caráter especial; pois, não se trata menos do que colocar paralelamente, no frontispício do Espiritismo, a obra liberal de Allan Kardec e essa pela qual J.-B. Roustaing tende a ressuscitar o império dos escritores apostólicos; isto é, e o que quer que se diga, duas crenças *antagônicas*.

Conhece-se a recente reaparição, após longo esquecimento, dos livros medianímicos do Senhor J.-B. Roustaing, os quais, em virtude de uma cláusula de seu testamento, solicitaram nossa atenção por meios que, infelizmente, muito se aproximam do escândalo. Eu não quero contar sobre essa provocação que, de resto, o Senhor Michel Rosen qualificou com correção e do que, esperamos, os espíritas farão bom julgamento. Meu dever se limita a observações sumárias sobre a origem dessas obras e sobre as consequências inevitáveis das teorias que elas elucidam.

Aqui estamos nós na presença de ditados medianímicos assinados por Moisés e pelos apóstolos. O leitor pode acreditar no Senhor Roustaing sob palavra. Alguma confiança justa que se possa lhe conceder, a coisa é pouco **rígida**. Pelo tempo em que correm as mistificações é permitido perguntar *sobre o que* o Senhor Roustaing estabelece a certeza de todas as célebres identidades?... Parece que antes de escrever, à frente de um livro, nomes dessa importância, deve-se pelo menos provar *irrefutavelmente* que eles não sejam de modo algum apócrifos; ora, por várias razões, eu dificilmente vejo como o Senhor Roustaing conseguiria.

Todos sabem que a autenticidade dos livros canônicos é negada pelos mais autorizados exegetas. Não somente as narrativas do Novo Testamento não emanam dos apóstolos que seguiram Jesus no cumprimento de sua missão; mas como muitos anos depois de sua morte se produziu uma multidão de Evangelhos⁵ houve pouco acordo entre eles, e os primeiros cristãos escolheram os quatro menos discordantes para constituir um corpo de doutrina conjuntamente com os "Atos", as "Epístolas" dos Apóstolos e "o Apocalipse". Ora, os que leram longamente, estudaram, compararam esses textos sabem a que ponto eles ainda se contradizem.

⁵ Temos a cifra de várias centenas.

Há o melhor: o Cristianismo oficial é bem mais obra de são Paulo do que do Cristo; pois, sobre vários pontos, o Mestre e o Discípulo diferem de pontos de vista; tanto que não se podia de forma alguma adotar a opinião de um sem se colocar em oposição com o outro. Entre Pedro e Paulo, a divergência de princípios era contundente; isso bem depois do derramamento do Espírito Santo. É verdade que Paulo não tinha participado daquele. Mas, então se tornou preponderante ao ponto de poder escrever em sua Epístola aos Gálatas: (Cap. II, versículo 11) "Mas, Pedro veio para a Antioquia, eu lhe rebati cara a cara, porque ele merecia ser repreendido."

Eis aí para a inspiração infalível do chefe da Igreja romana; o primeiro dos Apóstolos. Por que a inspiração *divina* de são Paulo se acha em conflito com a *divina* inspiração de são Pedro? Há aí matéria para reflexões se, todavia, como eles procuraram estabelecer, eles eram igualmente depositários da verdade absoluta.

Não se o negará de modo algum; a constatação dessas querelas entre pessoas iluminadas pelo Alto, e cujos ensinamentos deviam ser *lei* sem apelo, não é para favorecer um retorno às autoridades ditas impecáveis que, naqueles tempos, como hoje, se diziam animadas pelo *Espírito de Verdade*. Vá-se, a pretexto de Espiritismo, tentar restabelecer o prestígio desaparecido desses antigos nomes e de nos levar (supondo que nos deixaríamos acontecer isso), sob a servidão apostólica? Saímos dessa situação com grande dificuldade para voltar ao mesmo ponto, antes de tê-la retirado de nós? Deveremos ver reviver essas fastidiosas dissertações teológicas sobre assuntos sutis, mal percebidas através da tripla obscuridade dos séculos transcorridos, das incertezas que os envolvem e das interpretações inconciliáveis dos tradutores? Dissertações cujo resultado direto é deixar-vos fatigado, ansioso, desesperado, senão completamente desmoralizado...

Primeiro, leiamos o título da obra de Roustaing: "*O Espiritismo cristão ou a Revelação da Revelação. Os quatro Evangelhos, seguidos dos mandamentos, explicados, em espírito e em verdade pelos Evangelistas, os Apóstolos e Moisés*, recebidos e colocado em ordem por J.- B. Roustaing."

Está explícito; não se o acusará de ambigüidade. O Espiritismo **cristão**, isto é, o Espiritismo exageradamente complicado, sobretudo *evolucionado* na direção da ressurreição do Cristianismo um pouco modernizado.

Ah! Se fosse questão de considerar esse último como uma fase já atravessada pelos povos ocidentais e que recebesse em germe certas verdades hoje reconhecidas, cuja eclosão viria se juntar a noções mais altas, para imprimir à humanidade um novo impulso no caminho do progresso, isso seria diferente. Mas não; trata-se bem de *cristianizar* o Espiritismo atrelando aí doze a catorze nomes, julgados irrecusáveis. Infelizmente, nesse domínio, é necessário concluir; e os Evangelistas, mesmo assistidos pelos Apóstolos e o Espírito de Verdade, o que é, entretanto, um areópago imponente, não pôde tanto harmonizar seus pontos de vista com os de nossos Espíritos, que não se segue um disparate inapagável. Eis que estamos novamente colocados entre o livre-arbítrio espírita e o Dogma: qual aceitar?

Enquanto o Mestre nos diz: “**Verificai todas as comunicações** que vos são dadas; não vos confieis nos grandes nomes com os quais as assinam; jamais vos abduqueis de vosso julgamento”, eis aqui um homem que, desprovido de toda sanção que não a sua, se põe a seus olhos como iniciador predestinado para?... novamente para despertar nossas consciências com a explosão da fé cega, suficientemente polida e dourada! E isso porque o Senhor J.-B. Roustaing, impôs tiranicamente⁶ por espíritos que *assinam* são Pedro, são Paulo, Moisés, etc., recebido comunicações às quais somente lhe emprestava um escopo sério!

De boa-fé, quem então não faria tanto, por pouco que seu orgulho aí não desse as mãos? Qual o médium que não tem, em seus arquivos espíritas, mil fatos do mesmo gênero? Quantos enormes volumes, ditados por *tais* ou *tais* santos, aos quais faltou somente o dinheiro para vir aumentar o número das mistificações impressas? Será por causa que o Senhor J.-B. Roustaing deixa por testamento mais de 40.000 francos para a propagação dessas teorias que elas deverão ser aceitas como autênticas? As *belas coisas* contidas em certas páginas não são suficientes para divinizá-las, como se gostaria de persuadi-lo. — Se, pelo menos, essas *revelações* tão preconizadas oferecessem um conjunto harmônico, racional e concordante com outras *verdades comprovadas*, sancionadas por longas e numerosas experiências! Mas mesmo esse critério elementar falta à obra do Senhor Roustaing. Ora, todas essas asserções apócrifas se

⁶ Pessoas bem informadas asseguram que o Senhor J.-B. Roustaing fez esse trabalho sob a influência de uma forte obsessão.

entrechocando, se desmentindo mutuamente, como aceitar nisso a autoridade? Isso seria o retorno do caos. O que faz a força do Espiritismo é justamente a consagração do tempo e do estudo; ele se irradia sempre cada vez mais alto e mais longe no mundo inteiro, é que as simples balizas plantadas como pontos de referência, sob a direção metódica de Allan Kardec, são tão exatas em seus traços, tão sólidas em suas bases, que **nada** ainda veio estremecê-las, e que elas ficam sobre a via do Infinito como indícios fiéis ofertados à humanidade, para guiar sua marcha incerta no domínio da investigação.

Todas nossas experiências, todas as luzes resultantes de nossas pesquisas, convergem para o ponto culminante da filosofia espírita. À medida que se esclarece melhor ao nosso olhar essa magnífica síntese, nós apreciamos mais a alta sabedoria e a ciência dos Espíritos, quaisquer que sejam, que presidiram a obra de Allan Kardec; obra essa regeneradora do pensamento e do coração, que lhe será suficiente ser **vivida** para operar a mais completa, a mais elevada das transformações sociais.

Antes de reivindicar com tal descaramento seu lugar nesse movimento grandioso, a obra do Senhor J.-B. Roustaing conquistou uma notoriedade qualquer que seja?... Todos os espíritas sinceros estão aí para responder a essa questão. De onde vem essa impulsão *providencial* (?), quase tão antiga como os livros do *Mestre*,⁷ permaneceu no seu ponto de partida? Quem então a conhecia no mundo? Como se faz que, de todas partes, se afirma ter feito *ato de coragem* em se impondo a indigesta leitura dessa infalível *Revelação*? Para resolver esse problema, é suficiente o incrível estratagema recentemente imaginado no propósito de ressuscitá-la diante do público.

O que se pode dizer? Não está hoje *provado* que o Senhor J.-B. Roustaing dispunha, para sua propaganda, de recursos que, na origem, faltaram ao Mestre? A pressa do público para obter os livros espíritas veio, em verdade, grandemente em auxílio a esse último; e, não é a menor das numerosas provas demonstrando uma perfeita concordância entre a doutrina dos Espíritos, no sentido de Allan Kardec, e as necessidades de nossa época; mas, ainda uma vez, por que o Senhor J.-B. Roustaing, missionário do *Espírito de Verdade*, de Moisés, de Paulo, de Pedro, etc., não

⁷ Está bem entendido que eu tomo esse termo no sentido indicado mais adiante, por uma nota do Senhor Rosen (ver nota de rodapé nº 7 nesta obra).

usufruiu da mesma popularidade? Todavia, não está aí o de que eu mais me ocupo hoje. Eu desejo, antes de tudo, chamar a atenção, ou melhor, a vigilância dos espíritas sobre uma tendência existente há longo tempo que parece, agora, revestir uma forma, seguir uma tática mais ou menos hábil e nos impor a defensiva, como o primeiro dos deveres, pois trata-se da mais inviolável das liberdades: a da consciência.

Vendo o Espiritismo sair intacto de todas as armadilhas, e vivendo de todos os mausolés que erigem tão generosamente seus inimigos; lendo, um pouco por toda parte, que as manifestações espíritas se tornam incontestáveis aos olhos de gente cuja humanidade venera o gênio, os clérigos das duas principais confissões cristãs se comoveram. Na América, na Inglaterra, sínodos protestantes avisam. Diante dos inumeráveis fatos, devidamente controlados, que se reproduzem cada dia, em presença das mais respeitadas personalidades, torna-se infantil manter a acusação, primeiro, contra o diabo, de intervir no mundo concreto sob a aparência de nossos mortos mais queridos.

É preciso então, toda necessidade, de encontrar um *ponto de união* para deter esse vasto movimento que ganha, pouco a pouco, como um rastro de pólvora; pois protestantes e católicos se separam de suas respectivas Igrejas e vão engrossar ainda a imensa falange dos livres pensadores espíritas.

Que fazer?...

É bem simples! Agarrar a primeira ocasião favorável para recrutar todos os adeptos os menos firmes em uma crença híbrida, ao mesmo tempo cristã e espírita; nem uma coisa nem outra, para não amedrontar as consciências tímidas, e que, em falta do melhor, vista as dificuldades da circunstância, os clérigos serão capazes de tolerar, até mesmo admitir, até que, pouco a pouco, graças aos procedimentos a que estão acostumados, a onipotência episcopal tenha reconquistado suas prerrogativas à sombra da doutrina progressista que se trata de colocar sob a tradicional apatia. Assim, se operará a *fusão*, dizeis: o *naufrágio* do Espiritismo.

Essas questões se debatem muito seriamente, entre pessoas qualificadas para fazê-lo; somente, a realização desse plano engenhoso encontrava uma dificuldade capital, pois ela exigia absolutamente um recrudescimento de fé às revelações dos Apóstolos, e a filosofia de Allan Kardec não favorece nada esse retorno em direção das tradições

contestadas.

As coisas estão aí; certos membros hábeis do Clero católico entram até na via das transações, não condenando senão por memória as práticas espíritas confessadas por seus penitentes. Evita-se assim judiciosamente grande número de deserções ostensivas. Espíritas hesitantes e diretores hábeis concedem um ao outro cada qual sua concessão, por uma *conciliação* da qual Tartufo não guardou o monopólio. Entretanto, sente-se de parte e de outra que o meio é um inocente paliativo, um *modo de operação* temporário. Mas, de boa-fé, como supor que os clérigos tomarão a iniciativa de um *credo* semiespírita?!

Dessa vez, Maomé não podendo ir à montanha, a montanha virá até ele. É precisamente o que ela está fazendo. A obra de J.-B. Roustaing chega para essa finalidade pelas necessidades da causa. Eis aqui os nomes outrora os mais acreditados da Bíblia que, para recuperar sua influência algo pouco comprometida, se apresentam ao estado de espíritos; **modificam** o Dogma **imutável**, flexibiliza-o ao gosto do dia. Eles transvestem Jesus em agêneres, revelam a revelação, se colocam, mais do que nunca, como divinamente inspirados, tudo dizendo o contrário do que eles ensinaram outrora, sempre sob o influxo do Espírito Santo e... o truque está feito! Não era mais difícil do que isso. Eis de novo os padres de acordo, segundo seu hábito, com a Suprema Sabedoria!

Como os *espíritos*, se aí houver espíritos, não haviam pensado nisso mais cedo? A propósito, vê-se que eles o fizeram em tempo.

Senhor Roustaing se prestou *conscientemente* a essa escamoteação de princípios?... Ele teve plenamente conhecimento do caráter dessa obra? Isso é assunto dele.

Se, como tudo faz presumir, houve nesses ditados um plano hostil ao Espiritismo então nascente,⁸ pode-se admitir que ele emanou dos espíritos autores desse trabalho. Admira-se somente que a alta inteligência atribuída ao Senhor Roustaing não tenha mesma suspeitado da armadilha. Mas um instante de reflexão põe fim a essa surpresa, pois não precisava, não mais, muita perspicácia para entrever que o melhor meio de preparar um segundo fracasso de seu livro era operar sua reaparição lançando ao rosto dos espíritas uma brochura difamatória contra Aquele que eles amam e

⁸ Em seu período atual, já que sabemos que as manifestações espíritas tiveram lugar em todos os tempos e em todos os povos.

veneram, por lhes ter aberto o santuário da verdade, e não teve o erro de outros, ao contrário do Senhor Roustaing, que de modo algum admite, em **sua Revista**, a apologia de uma *revelação* cuja fonte e as conclusões pudessem, de maneira justa, lhe parecer suspeitas. Allan Kardec tinha, antes de tudo, sua missão a cumprir. Quando ele já lutava contra tantos obstáculos diversos, remetia ele mesmo em pergunta suas próprias *certezas*, produzindo em *seu* jornal uma obra contraditória à sua⁹ e cuja autoridade não se impunha por nenhuma investigação séria teria sido uma burrice ou uma tolice. — Não há aí por isso uma vez aberração notória em se ofender do que um inovador recusa deixar solta sua obra *às suas custas* e perto de seus próprios adeptos? Procedimento que seus adversários achariam certamente muito cômodo, fortemente econômico e, sobretudo ingênuo!...

Em suma, é, para o que observa Allan Kardec, a que se reduz esse debate que, momentaneamente, levanta tanta poeira no mundo espírita. Isso seria suficiente, a meus olhos, para anular o alcance moral de tudo o que pode surgir de tais elementos. Mas há mais: com a imensa maioria dos espíritas, eu desafio obras de J.-B. Roustaing, como por natureza marcada de dogmatismo apostólico e produtos sob os tristes auspícios de uma vingança de além-túmulo, que nada no mundo saberia justificar nem mesmo desculpar.

Sophie Rosen (Dufaure)

Paris, rua Nollet, 34.

⁹ Bem que J.-B. Roustaing seja espírita à sua maneira, eu chamo de contraditórias às nossas, visões que nos conduzem ao *arbitrário* divino do qual o Espiritismo nos havia liberto.

OBSERVAÇÃO



Certos jornais, onde se debate a questão Roustaing, simulam insidiosamente para confundir os elementos dos quais se compõem o incidente, e que nós devemos, ao contrário, distinguir com cuidado.

Há aí, duas ordens de fatos absolutamente independentes um do outro: 1º **As visões doutrinárias** dos "*Quatro Evangelhos explicados em espírito e em verdade*"; **A aparição de uma brochura difamatória contra Allan Kardec.**

Relativamente ao primeiro ponto, os espíritas usando do seu incontestável direito de discutir a obra de J.-B. Roustaing, reconhecem plenamente o que o autor produziu. Há dezoito anos que esse livro existe, ele jamais tinha sido objeto de uma real polêmica. Ele foi lido, depois, em geral, colocado de lado, rendendo justiça às boas intenções do compilador. Hoje, essa obra, por um retorno sem nenhum mérito, surge novamente diante da crítica; essa última a investiga e a julga mais severamente, talvez, como outrora, porque a brochura caluniosa atribuída ao Senhor J.-B. Roustaing diminui singularmente esse último aos olhos dos espíritas sinceros.

Nada temos contra esse autor por causa da sua obra medianímica; nós a combatemos lealmente, com firmeza, porque nós a cremos errada e mesmo perigosa; mas ela não nos desperta paixão.

Quanto ao segundo ponto (a aparição da brochura), produziu-se uma explosão de generosa indignação em torno de um nome que se diz respeitável, é o que se fez desse nome o sinal de uma agressão *pessoal e póstuma* contra Aquele cuja palavra autorizada já não pode mais,

infelizmente, se fazer ouvir.

Esse panfleto, *endereçado diretamente a todos nós*, vem, mais de catorze anos após a morte de Allan Kardec, e sobre o recém-fechado caixão de sua companheira, visar a honorabilidade do Mestre, a autenticidade de seu método, o valor de seus trabalhos; e juntando a hipocrisia à injúria, protestar maliciosamente estima e admiração pelo homem que esse escrito não cessa de ridicularizar.

Dizem-nos, é verdade, deixar acontecer; Allan Kardec, asseguram-nos, não precisa ser defendido¹⁰. Que seja: mas nós temos necessidade, nós, de modo algum *trair*. Nós acreditamos que ele seja, com efeito, bastante grande para afogar em sua sombra todos os pigmeus que latem sobre seus calcanhares. Entretanto, não reconhecemos a ninguém o direito de nos impor silêncio, quando tentam sujar sua memória venerada. A seus serões a seus combates, nós devemos nossas mais vivas luzes, nossas mais altas esperanças, um critério soberano para apreciar os elementos do progresso futuro. O mínimo que nossa gratidão pode fazer é oferecer, às verdades que ele nos revela, a muralha de nossas consciências.

Essa brochura é uma *perversa* ação à qual não se deve nem *tolerância* nem *caridade*. Não a colocar no índice seria tornar-se cúmplice, o que quer que digam certas pessoas que reservam todas suas simpatias para os perseguidores contra os perseguidos, e perdoam com uma mansuetude infinita as ofensas feitas a outros.

Eis aí por que nós estigmatizamos essa difamação dirigida contra um túmulo, e a absolvição da qual cobrem aqueles mesmos que a deviam assinalar e a marchar.

É a esse justo sentimento que obedece, hoje, como todos nós, o Senhor Mendy, do qual se vai ler o enérgico protesto. Ainda temos nós, de sua confissão, retirada diversas passagens onde seus nobres sentimentos revestiam uma forma um pouco demais viva.

Sophie Rosen (Dufaure)

¹⁰ *Revista Espírita* de Setembro de 1883, página 402.

irmãs que foram as primeiras a levantar o vosso audacioso desafio.

Rosto descoberto, para explorar sob a máscara jesuítica de certas personagens que tomam lugar em vossas fileiras; homens falsários que ousam escrever em sua pretensa imprensa espírita (!), sob a cobertura de princípios de *caridade*, de *amor*, de reflexões *ineptas*, ostentando hoje uma admiração mentirosa para o que eles repudiavam na véspera! — O mais forte leiloeiro, tal se torna sua divisa.

Bem! Os espíritas sinceros, leais, não se pagam com semelhante moeda...

Senhor, vós assim como os vossos, sustentais certas teorias, que uma fé sincera, eu o creio, e vossa razão aprova; decerto, é vosso direito. Eu não tenho nenhum tempo, nesse momento, para discutir a obra do Senhor Roustaing; eu insisto simplesmente em ressaltá-la... procedimento assaz despropositado, permiti-me de vo-lo dizer, do qual vós vos servistes para ressuscitar uma obra, que poderia ter ganho de causa mais tarde, pela sanção dos fatos, é possível, mas que, hoje, necessariamente dá margem a reflexões pouco lisonjeiras e para vós e para os vossos.

Vós acreditastes dever, por aplicação, sem dúvida, do provérbio latino que vós citais, vir vos abrigar sob a égide da *Sociedade anônima para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*, que contava, entretanto, sempre segundo vossos dizeres, com tão raros partidários; mas quando, como vós acabais de nos ensinar, em vossa resposta ao artigo da Sra. Fropo, um canteiro esmaltado de tão belas flores de retórica, entre outras esta, que eu destaco: "Eles reconheceram um e o outro que a trajetória traçada por essa estrela de primeira grandeza para ligar a terra ao céu, era um composto de *Amor*, de *Ciência* e de *Virtude*. Não resistamos a essa benéfica atração. Sejamos *Um*, como Jesus nos ensinou..." ...quando a uma semelhante bagagem literária vós unis uma alta autoridade, sustentada por milhares de adeptos e por vossa fortuna, vós possuís todas as qualidades para continuar vossa Escola sem nosso concurso!!! Fomos nós que devíamos ir nos fundir convosco!!... Não é lógico? Vós imprimistes na Sociedade Anônima uma mancha indelével, a *História do Espiritismo a registrar, o que quer que aconteça*.

A publicação do libelo *não assinado* intitulado: "*Os Quatro Evangelhos de J. - B. Roustaing*", *Resposta a seus críticos e a seus adversários - editado pelos alunos de J.-B. Roustaing*" é uma *deslealdade!*

... Quais alunos?... Seus nomes?... Como têm a coragem de seu ato?... Como, Senhor, não souberam de modo algum murchar semelhante anonimato?... Mas, em razão do que eu vos exponho, a honra de vossa causa a isso vos obrigava!

Ninguém afirma mesmo que a dita brochura é pré-datada!!...

Sim, *deslealdade* essa publicação buscando manchar a memória de um honesto homem, d'Aquele que vós *já* conseguistes fazer descer do pedestal que lhe constituem seus trabalhos!

...Eu terminarei me concedendo o direito de tomar, por minha vez, em vosso rico porta-joias, uma pequeníssima citação, mas da qual eu acho mais conveniente dar a tradução, para me colocar ao alcance de todos meus irmãos em crença:

"A fortuna favorece os audaciosos."

Mendy

Capitão aposentado, Nantes

ALLAN KARDEC E ROUSTAING

(2º ARTIGO)

Tendo o Senhor Leymarie corrigido o primeiro artigo e achando-o muito violento para os leitores da *Revista*, eu lhe dei ênfase tal como ele foi escrito; os espíritas julgarão.¹³

Esse artigo tinha sido concebido sob uma indignação bem justificada. Senhor Guérin deve convir; ele espera a morte da Senhora Kardec para tornar pública essa brochura dois ou três anos após a morte do Senhor Roustaing. Como espírita e como executor testamentário, teria que fazê-la conhecer tudo em seguida. A Senhora Kardec teria podido defender seu marido e a Doutrina, apelar, para esclarecer o debate, a todos os espíritas sinceros que tinham conhecido e amado o Sr. Kardec. Eu não tenho qualificação para fazê-lo, apesar dos numerosos amigos que o Sr. Guérin quer me outorgar.

Agora, se há tanta similitude, de analogia e de concordância geral entre a obra de Allan Kardec e a de Roustaing, a qual fazer escola? É estabelecer um antagonismo inútil para a propagação do Espiritismo.

¹³ Eu tomo para mim, a Senhora Fropro me perdoará, citar essa passagem tal como foi dada pela *Revista de Setembro de 1883*. Ver-se-á como, pelas necessidades sua causa, a administração desse jornal se permite desnaturar os escritos de seus colaboradores:

Michel Rosen.

“Sr. P.-G. Leymarie tendo corrigido meu primeiro artigo, que, admito, era violento, peço para em nada alterar este aqui; espero que fique moderada.”

Sim, eu li a obra de Roustaing *há 15 anos*. A lembrança não é agradável e, malgrado o apelo feito a minha consciência, eu não me sinto com coragem para relê-lo.

O que eu citei, são notas tomadas no que ele continha de mais claro (!) e de mais justificado; eis aqui ainda um fragmento (página 281):

(Textual) "Todos vós sois chamados a crer *no Pai*, Deus, um, único e indivisível; *no Filho*, Jesus, vosso Messias, espírito protetor e governador de vosso planeta, único encarregado de seu desenvolvimento e do progresso de vossa humanidade e de conduzi-la à perfeição. No *Espírito Santo*, os Espíritos do Senhor que trabalham, ou concorrem, sob a direção do Mestre, a esse desenvolvimento e a esse progresso". Eis aí o mistério da Santíssima Trindade, somente presente de modo a satisfazer todo o mundo, os católicos e os espíritas. Se o Cristo não tomou senão um corpo fluídico, o dogma da Imaculada Conceção está francamente estabelecido; gravidez operada pelo Espírito, parto fluídico. A que serve estabelecer essas hipóteses! Estudai a doutrina desse médium de Deus, como o chama admiravelmente o Sr. Bellemare, aplicai-a, tornai-vos melhores; não procureis vossa justificação denegrindo os outros; que importa se vós sois mal julgados. *A verdade é eterna, ela se espalhará luminosa a seu tempo*.

Ora, se o Sr. Roustaing não era nem um ingênuo, nem um abusador, na opinião daqueles que o conheceram e que lhe rendem justiça como homem de bem, ele estava obsidiado; seu médium¹⁴ não querendo aceitar as ideias tocantes à encarnação do Cristo dizia-lhe frequentemente, se recusando a escrever; não foi senão constrangido e forçado que ele deu as comunicações que fazem o texto da obra.

Vós citais Allan Kardec, página 4, parágrafo 4 da *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, por que não ter citado o nº 6 da página 5?

"A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento está no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas *ele não está personificado em nenhum indivíduo*, porque ele é o produto do ensino dado, não por um homem, mas pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, sobre todos os pontos da terra e por uma multidão inumerável de intermediários; é de alguma forma um *ser coletivo* compreendendo o conjunto dos seres do mundo espiritual, vindo cada um

¹⁴ Eis aqui a passagem conforme a *Revista*:

"Seu médium lhe dizia frequentemente, recusando-se a escrever, e isto não é senão constrangedor...", etc.

trazer aos homens o tributo de suas luzes para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que os aguarda."

Depois vós citais também *O Livro dos Médiuns* (página 35):

"Não preconizamos, não criticamos nenhuma obra, não querendo influenciar em nada sobre a opinião que se possa formar; trazendo nossa pedra ao edifício, nós nos colocamos sobre as fileiras."

"Não nos cabe ser juiz e parte, e não temos a ridícula pretensão de ser os únicos dispensadores da luz, cabe ao leitor distinguir o bom e o mau, o verdadeiro e o falso."

Eis aí duas citações que fazem tombar a *prepotência* e a *infallibilidade* que o Sr. Roustaing atribui a Allan Kardec, e nos dão, *a nós*, o direito de distinguir o bom e o mau, o verdadeiro e o falso; pois tudo o que o Sr. Roustaing afirma sobre a personalidade de Jesus não é provado.

Por que Jesus não teria tomado um corpo material? O corpo humano é a mais maravilhosa criação de Deus. A ciência procura com uma minuciosa paciência explicar as delicadas engrenagens, e não pode chegar, malgrado suas investigações, a demonstrar todos os fenômenos.

As pesquisas científicas estabeleceram que a matéria é uma (fluido cósmico); que todas as manifestações da natureza não são mais do que transformações. Ora, o corpo humano foi criado da mesma maneira que a rosa e o lírio de nossos campos! Por que fazeis vós uma embrulhada? Se é de lodo, é que o espírito que o habita ainda está profundamente marcado de todas as paixões bestiais e impregnou seu corpo.

Jesus, enviado à terra por Deus para aí cumprir a lei, devia primeiro se submeter e aceitar a encarnação tal como nós mesmos nos submetemos; aí derrogar, seria infringir a lei de Deus estabelecida sobre nosso planeta.

Em que vós vedes "uma retrogradação manifesta, como fazer reencarnar um Espírito glorioso, um enviado do mais alto grau (?) no lamaçal de nossa corporeidade humana?"

Quando um rei de um grande reino envia um embaixador a um miserável povoado de selvagens, para levar aí palavras de paz e de amor, para lhes ensinar os meios de tornar suas terras mais fecundas, lhes dar leis de justiça e de solidariedade, lhes ensinar que, pelo trabalho e o progresso, eles chegarão a ser os súditos bem-amados do rei; o embaixador é obrigado a aceitar os usos, as vestimentas, a miserável cabana, a ignóbil alimentação, mesmo a mulher selvagem! A fim de que ele seja considerado

como um amigo, como fazendo parte do povoado. De que maneira, cumprida a sua missão, ele se derrogou moralmente? Ao contrário, ele se elevou, ele retorna maior, mais glorioso, após ter suportado corajosamente todas as misérias relacionadas à sua missão. Do mesmo modo, os sofrimentos que o Cristo aguentou devem nos ensinar a submissão de suportar os nossos, nós que reincidimos e, todavia, ele os ameniza. Se elas tivessem sido mentirosas, ele teria dito: "Meu Pai, se é possível, afasta de mim esse cálice; porém, que assim seja, não como eu quero, mas como vós o quereis?"

Em sua nona hora, Jesus lançou um grande grito dizendo: "*Eli, Eli, lamma sabachthani*, isto é: "Meu Deus, meu Deus! Por que me abandonastes!"

Oh Jesus! Perdoai-me de ousar elevar a voz para vos defender! Meus irmãos em crença a isso me obrigam. Vós sois tão grandes em vossos sofrimentos, tão sublime em vossa morte, tão belo para aqueles que sabem vos amar e vos compreender, que atingir a vossa esplêndida missão é uma blasfêmia.

Eu não quero abusar da benevolência dos leitores, termino citando o apóstolo são João, um dos espíritos que ditaram a *Revelação da Revelação*.

EVANGELHO DA MISSA

"*E o verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos sua glória; sua glória tal como o Filho único devia recebê-la do Pai. Ele habitou entre nós, digo eu, pleno de graça e de verdade.*"

(*São João*, cap. 1º, vers. 1 a 14.)

"Meus bem-amados, não credes em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, pois muitos falsos profetas vieram no mundo. Eis aqui como reconhecereis que um espírito é de Deus. *Todo Espírito que confessa que Jesus Cristo veio com uma carne verdadeiramente é de Deus*, e todo espírito que divide Jesus Cristo de modo algum é de Deus, e está aí o anticristo do qual vós ouvistes dizer que deve vir, e ele já está no mundo."

(4.^a epístola de *são João*)

Eu não tenho a intenção de tratar o guia do Senhor Roustaing de Anticristo, mas São João tinha a intuição, ao escrever essa epístola, que essa

questão seria uma causa de lutas e de separações entre os cristãos. Não façamos como eles, permaneçamos unidos, imitemos como o Sr. Kardec, que se afastou dos orgulhosos e dos especuladores, de fato, mas jamais se afastou das pessoas de boa fé. Foi para estes que ele trabalhou com uma perseverança digna da alta missão que ele tinha a cumprir; respeitemo-lo, e que nosso respeito seja igual à grandeza de seu espírito e de seu coração.

Berthe Fropo

GRITO DE ALARME



Nota - Esse artigo foi redigido antes da publicação da *Revista do mês de agosto*. “Para desencargo de sua consciência, eu convido fortemente ‘O Sr. Guérin’ a lê-la atentamente” (*Revista de Agosto*, pag. 377). Aí ele encontrará uma resposta às suas objeções.

Por mais sofisticadas que sejam as interpretações que se experimenta dar à manobra póstuma do Sr. Roustaing, ela ficará aos olhos de todos os homens direitos e imparciais como um estigma impresso sobre sua memória.

Somente esse fato seria suficiente para fazer rejeitar, *a priori*, tudo o que saiu de sua caneta.

Sr. Guérin, cego por sua amizade antiga pelo chefe da ordem dos advogados, não está em condições necessárias para julgá-lo imparcialmente. Mas fará bem, ele não poderá sair desse dilema:

1º. Se o Sr. Roustaing conhecesse as fraudes, por ele atribuídas ao nosso Mestre relativamente ao controle universal — pois supondo-os reais não há outro nome a lhes dar —, se ele as conhecesse, digo eu, seu dever teria sido o de desmascará-los antes que nossa filosofia fosse implantada em nossos espíritos e em nossos corações.

2º. Se, como se afirma habilmente, ele não o fez, para “não comprometer o sucesso e o progresso do Espiritismo” (p. 378), por que, então, ter esperado a morte da Sra. Kardec, sobrevinda há apenas alguns meses? Nossa doutrina, bem antes dessa época, era bastante fortemente estabelecida, eu penso, para não correr mais o risco hoje, pela publicação desse panfleto.

O comitê de leitura, bastante reduzido nesse momento por causa das férias da maioria dos seus membros, forma complacientemente número (p. 363) nas cidades onde o Sr. Roustaing é admitido; com essa significativa pequena diferença que, enquanto este é aceito, muito por espírito de corporativismo, em Bordeaux¹⁵ e nos burgos adjacentes, ainda imbuídos de Catolicismo, Kardec irradia no mundo inteiro. Para mencionar todas as localidades onde a obra de seu gênio penetrou, não foram três linhas, mas tantos volumes quantos necessários.

Fim da nota

Sra. Fropro deu uma resposta nítida e digna à brochura do Sr. Roustaing (*Revista de Julho de 1883*).

Espírita da primeira hora, tendo vivido longos anos na intimidade do

¹⁵ Nós aprendemos, ao contrário, que os principais centros de Bordeaux recusam completamente sua autoridade; e, entre numerosas provas de apoio, eis aqui uma:

Bordeaux, 27 de junho de 1883.

Senhor Gabriel Delanne, Paris.

Vivamente impressionados com o panfleto publicado em nossa cidade, sob os auspícios e com o concurso pecuniário do Sr. Guérin, por pretensos alunos de Roustaing, nós, meus amigos e eu, lemos com satisfação, no último número do "*Espiritismo*", a expressão da legítima indignação que esse escrito levantou em todos os espíritas honestos e dos quais vós vos fizeste o intérprete.

Em primeiro lugar, nós negamos que o Sr. Roustaing tenha jamais estado em nosso centro, onde nós vivemos com ele, a situação de um mestre doutor em espiritismo. Muito convicto, muito devotado, muito bom para todos aqueles que dele se aproximavam, sem distinção de classe, não houve, em suma, senão a situação de um chefe de grupo, ensinando, com a autoridade de seu saber e de seu talento, o que tinham revelado, a ele e a outros, os espíritos missionários de nossa Doutrina.

Sua obra sobre os *Evangelhos*, que nós penosamente lemos e relemos, tem por único objetivo estabelecer a natureza fluídica do corpo de Jesus, e toda sua argumentação visa a esse resultado.

Nós nos associamos absolutamente às apreciações de Allan Kardec sobre esse assunto. Seu artigo está impregnado da imparcialidade e do sentido prático que se encontram em suas obras; e, o que quer digam Roustaing e seus alunos (?), nós persistimos a nos reportar a ele: **o Mestre**.

Se, ao escrever essa brochura, que ele tinha, é necessário reconhecê-lo, enterrado em suas caixas, o antigo chefe da ordem dos advogados cedeu a um movimento de amor-próprio ofendido, caberia a seus herdeiros ou legatários exumar essa coisa malsã e estender aos olhos de todos aqueles que conheceram e estimaram Roustaing, um documento denotando um orgulho desmesurado e devendo gravemente atenuar os sentimentos dos quais eles amavam a cercar sua lembrança. É o caso de dizer com o fabulista: *Melhor seria querer um inimigo sensato*.

A irreflexão e a falta de tato daqueles que se tornaram culpados dessa má ação, em lugar de prejudicar Kardec, não atentaram de que Roustaing derrubou sobre si o pedestal sobre o qual eles pretendiam elevá-lo.

Com nossos melhores sentimentos, caro Senhor e F.E.C., etc.

Thibaud,

Rua Traversière, 19, Bordeaux

Sr. e da Sra. Kardec, essa dama estava duplamente qualificada para defender a memória d’Aquele que todos nós veneramos.

Após isso, fora bom encerrar o incidente, para evitar tudo o que tenderia a dividir os adeptos de uma doutrina de fraternidade e de amor; infelizmente, as dissertações que seguiam esse artigo impõem uma réplica.

Se nós não admitimos a existência fluídica do Cristo, é porque, nesse estado, sua vida, longe de nos ser um modelo, faltaria inteiramente a seu objetivo e nós conduziria antes à revolta, nos dando o direito de questionar: “Por que sofremos nós todas as angústias da vida, enquanto, com o mais forte e o mais elevado entre nós, elas foram simplesmente simuladas?”

Se, ao contrário, o grande Apóstolo *realmente* sofreu em sua carne, sua missão torna-se um magnífico ensino *vivido*, uma exortação à resignação e todas as virtudes que ele intensamente praticou até nos momentos mais dolorosos.

Esse último ponto de vista esclarece a vida do Nazareno de uma viva luz e, sem risco de nos enganar, podemos sofrer e chorar com ele, quando estendido sobre a cruz ele implorava a misericórdia divina.

Na primeira hipótese tudo se torna obscuro: seus atos não são senão uma comédia indigna de sua nobre e doce figura, o sangue que fluía de suas feridas é um conto-do-vigário e, nessa condição, era fácil para ele perdoar os carrascos que de modo algum o faziam sofrer.

Suas palavras, sobre as quais tantas gerações viveram, tornam-se sem sentido.

Ele mentia, quando exclamava: “Meu Pai, se for possível, afasta esse cálice de mim. Todavia tua vontade e não a minha.” Ou ainda: “Minha alma está triste até a morte!” etc., etc.

Por um lado, um Jesus divino por seu sacrifício e ao mesmo tempo tão humano nessa invocação desesperada sobre a cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”

Por outro lado, um Cristo dando um inútil espetáculo de virtudes inimitáveis em nossa presente situação.

Eu gostaria melhor de me refugiar na ideia de que ele não era senão um mito, como alguns autores se inclinam crer.

Os partidários de Roustaing se dizem “desses espíritas aos quais é necessário um Cristo *triumfante* e não *ensanguentado*” (p. 310).

Daí resulta a nós a falha “*ensanguentado*” como habitualmente se tende a insinuar? Graças a Deus, nós não temos instintos tão ferozes! Mas nós não queremos um Cristo diminuído; e, para ser “triumfante”, não é preciso que ele tenha lutado, por conseqüente sofrimento; sem o que seu triunfo seria fictício.

Não se pode admitir que ele tivesse “Maria, sua mãe adotiva, por médium”. Ela não o acompanhava em lugar nenhum. Ora, todas as experiências de materialização demonstram que a presença do médium é *indispensável*. O Sr. Roustaing *jamaís* teve as provas contrárias.

Como se, um dia, esse maravilhoso fenômeno se produzirá, ninguém o sabe e não se pode se autorizar para apoiar a doutrina dos Docetas, condenada pelas leis *positivas* do Espiritismo, como também pela lógica e a moral.

Nossas convicções não foram abaladas pela refutação seguinte (assinalada: De Turck, pag. 313), nem pela “comunicação espontânea” (pag. 313).

Essa última não é mais que a opinião de um espírito e, desse modo, ela só tem um valor *subjetivo*, tudo como a obra do antigo bastonário.

As preciosas instruções de Allan Kardec nos puseram em guarda contra a teorias individuais, não sancionadas pelo consentimento universal, do qual o advogado de Bordeaux faz pouco caso tão agradavelmente e por causa; mas quem, para nós, é e será sempre o controle supremo.

O pouco sucesso do livro em questão, tanto na Bélgica como na França, é a melhor resposta à afirmação, evidentemente exagerada, que os jornais belgas confirmam “*todos*” (!) (p. 311) as apreciações enunciadas no artigo do Sr. de Turck que, sem concluir nitidamente, se pronuncia antes no sentido do autor dos *Quatro Evangelhos*.

Longe de nós o pensamento de impor nossas visões sobre a natureza do Cristo, comuns, entretanto à maioria de nossos irmãos de todos países.

Como aqueles que, sobre isso, são de opinião do Sr. Roustaing, a guardem se estão felizes com isso! Muitos pontos comuns nos ligam, para nos dividir sobre essa questão que, além de tudo, não é fundamental.

Também teria eu seguido o sábio conselho da Sra. Frope, e me absteria de toda polêmica sobre esse assunto, bem que esteja longe de ser esgotado, se, como antigo e sincero amigo de Allan Kardec, não que eu

tenha julgado necessário responder a uma observação *anônima*, inserida em seguida da “Comunicação espontânea” (p. 313).

Ao mesmo tempo, eu larguei minha reserva sobre Jesus.

Eu me arrependo da excessiva tolerância dessa observação, para um ato que o público, ao contrário, justamente murchou.

Em junho de 1866, Allan Kardec fez, na *Revista*, um relatório sobre os *Quatro Evangelhos* do Sr. Roustaing. Este aqui: “homem muito liberal, muito honesto” (p. 314), em resposta a essa refutação onde ele se afirmava ferido, escreveu, contra o primeiro, uma brochura, verdadeiro panfleto, que, *por sua ordem*, seus executores testamentários acabaram de editar milhares de exemplares e de enviar, *direta e gratuitamente*, a todos os espíritas da França e do Estrangeiro, dos quais eles não conseguiram obter os endereços.¹⁶

17 anos após a publicação do artigo, 14 anos após a morte do autor e imediatamente após a morte de sua viúva!!

Não é nem “muito liberal nem muito honesto”!

Malgrado nosso reconhecimento admirativo pelo grande Missionário que nos deu tão altas consolações, não fizemos um fetiche.

No cumprimento de sua tarefa tão difícil, tão ingrata, ele pôde e teve que descontentar mais de uma pessoa; não foi isso senão as nulidades ambiciosas e invejosas, ávidas de lauréis fáceis e dos quais, pela força das coisas, ele devia se fazer inimigos irreconciliáveis.

Se então o Sr. Roustaing tinha a se queixar de Kardec, por que ele não o fez enquanto este último estava vivo? Isso teria sido “muito simples, muito natural” (p. 314), e eu acrescentaria, muito leal; este estando aí para se defender.

Pelo menos, se se temesse uma réplica muito firme, seria preciso falar antes da morte da Viúva. Sua voz autorizada teria podido reduzir a nada as insinuações caluniosas que esse panfleto espalha.

Em sua ausência, cabe então a nós, discípulos e depositários da obra tão penosamente edificada por nosso lamentado Mestre¹⁷, de qualificar como eles merecem os estratagemas do antigo chefe da ordem dos advogados e, eu conclamo a todos os espíritas sinceros, para não fazer aí

¹⁶ Nós conhecemos e poderíamos designar em todas cartas a Administração de onde partem esses endereços.

¹⁷ Mestre no sentido de Instrutor e não de Diretor.

um “vão comentário” (p. 314).

Admitir-se-á dificilmente que Kardec tenha podido abrir “feridas que tenham sangrado” (p. 313) durante longos anos. É antes o contrário que é verdadeiro; e eu que tenha tido a felicidade de me aproximar dele bem perto; eu raramente o vi levantar contra os ataques que lhe despejaram.

O pobre homem sofria em silêncio e morreu triste, sem se queixar, verdadeiro Apóstolo.

Aliás, nós temos sob os olhos a causa do conflito, o próprio Sr. Roustaing nos fez conhecê-la em sua brochura e essa é sua condenação, pois o artigo em questão é um modelo de sabedoria e de moderação. É assim, que cego por seu ressentimento, o advogado de Bordeaux, todo versado como ele foi nas Escrituras, esqueceu essa profunda palavra: “O mau faz uma obra que o engana” (Provérbios, cap. 11, v. 18).

Por essa publicação póstuma ele esperava dar a última palavra. Mas a habilidade desse truque de advogado não pôde prevalecer contra a Verdade; e eis aí como se mexe suas cinzas a ele que não respeitou a morte.

“Todos terão tomado da espada, perecerão pela espada” (Mateus, cap. 26, v. 52).

A indulgente observação acha que o bastonário não fez senão “exalar uma queixa” (p. 314). Ora, o que se “exala” dessa diatribe, ou antes o que ela transpira, é: a inveja, o orgulho ferido, e essa ferida, a única da qual o autor tenha verdadeiramente sofrido, não é a obra de nosso caro Iniciador.

Que resta então de tantas queixas acumuladas?

De boa-fé, pode-se tornar Kardec responsável pelo fracasso dos quatro Evangelhos?

Censurar o autoritarismo ao homem que jamais admitiu nada de sua única autoridade, não é sério.

Ah, eu compreendo a grande cólera do Sr. Roustaing contra o controle universal! Ele desdenhou e viu o que isso lhe custou!

Mas, malgrado a ele, esse controle se exerce. Ele fez justiça de sua obra e de seus estratagemas presentes; do mesmo modo ele julgará as manobras futuras, se elas se produzirem; pois isso nos mostrou que o bastonário mantém ainda outras amenidades de reserva, para a publicação escalada das quais ele deixou uma grande soma.

Agora, livre de ele chamar “sistema preconcebido” (*Os Quatro Evangelhos, respostas a seus críticos, etc.*), essa submissão à opinião pública

que exclui todo sistema preconcebido; é aparentemente uma dessas subtilidades às quais a vida de Palais o tinha habituado, mas que nós não compreendemos.

Eu chego ao ataque o mais perverso. Se ele fosse justificado, não tenderia a nada menos que invalidar o Espiritismo. O autor não quis ir até aí, eu penso; pois, apesar de sua triste maneira de aplicar os princípios de nossa Filosofia, não se pode negar que ele não seja espírita:

Como o bem, o mal ultrapassa sempre o limite que se traça; e é o que deveria parar o mau.

Não contente então de rejeitar o controle universal, que é um traço de gênio e de consciência, o Sr. Roustaing suspeita da lealdade de Kardec, até na maneira como ele a aplicou.

Esse último se dizia em correspondência com perto de mil centros sérios, dos quais recebia as comunicações, e não considerava como adquiridas à Doutrina senão as questões reunindo a maioria e corroboradas por uma rigorosa lógica.

Essa maneira de proceder, a mais sensata e a menos autoritária é, ainda hoje, sancionada pelo imenso sucesso de seus trabalhos.

Aliás, por uma dispensa Providencial, ele não era médium. Forçado a admitir colaboradores, a tentação de impor só suas visões não podia lhe acontecer.

Ora, escutai esse profundo raciocínio para pôr em dúvida o número de grupos aos quais Kardec tinha relação.

Eis aqui em resumo (*Os Quatro Evangelhos, resposta a seus críticos, etc., p. 46*):

“Em 1868, três meses antes da morte do Mestre, a *Revista* contava somente com seiscentos assinantes. Isso então não podia ser em relação com *mil centros*.” (Ele disse: **próximo** de mil centros e esse número não foi **jamais** desmentido quando ele era **vivo**!)

“Eles não liam todos a *Revista*.” (Que sabeis vós?) “Um grupo em cada dois, no máximo, assinava.” (Ainda uma vez, provai-o.)

E sobre isso ele conta para se questionar: “Então, como se forma o critério universal? Que crédito se pode lhe dar?”

Para nós, ao contrário, o número desses assinantes é a favor do número avançado que está longe de ser suficiente; pois todo jornal conta pelo menos duas ou três vezes mais leitores que compradores, sobretudo

que vai em um grupo; de sorte que o argumento cai vazio.

Nada forte para um advogado!

Considerando mesmo que sobre esses seiscentos assinantes, que por causa do alcance do jornal supõe um grande número de leitores, quinhentos somente estivessem em correspondência com o Redator¹⁸, isso seria ainda um magnífico controle.

Pode-se, humanamente, questionar mais?

Bem, para o Sr. Roustaing não é bastante — o que nos admira da parte de um homem que ignorou esse procedimento; pois ele acrescenta: “Em 1865, fora desse mil centros sérios, devia existir um multidão de outros, que Allan Kardec não consultava, entre os quais seu critério universal não podia encontrar base; entretanto, essa enorme quantidade de grupos escapavam da sua ação.”

Esse descaramento me torna um sonhador. Como se poderia comunicar-se bem com todos os espíritas do mundo inteiro?

Além disso, nessa alínea, admite-se a existência de uma “enorme quantidade de grupos”, e por outro lado (página 49, nota 1), o Mestre é acusado de ter exagerado. Que contradição!

Em seguida (página 46): “Esses grupos ideais não eram sérios senão pela forma. O impressor, por inadvertência, teve que colocar um número que o Mestre não terá suprimido.”

Vê-se, conforme o que já expliquei mais acima, essas asserções não têm fundamentos, e taxando-as de perfídia, não os caluniamos.

Felizmente o traço está lançado de uma mão inábil, ele retorna ao seu ponto de partida; pois o Iniciador, ao qual queria prejudicar, sai maior do que nunca desse debate que, pelo contrário, abala singularmente a confiança em seu adversário e na fonte espiritual que o inspirava; a qual, sem outra prova, seria necessário admitir sobre sua simples afirmação.

Como, em seguida, crer na sinceridade do apelo à caridade, à união, daquele que lança cacos de discórdia entre os irmãos em crença, e isso a propósito do não fracasso de um livro!

A exemplo de seu mestre e conforme sua ortografia defeituosa, os alunos do Sr. Roustaing nos chamam: “Kardecistas (Kardecistas, se vos agrada), infalíveis.”

¹⁸ Os assinantes não eram os únicos correspondentes do Mestre. De todos os lados, o vasto movimento espírita que ele tinha criado, convergia necessariamente em direção dele; eu fui uma testemunha ocular.

Ora, nada é menos justo que esse epíteto que com a pretensão de ser ofensivo e que não nos atinge. A bem do direito eu a reenviei àqueles que, sem outro exame, se submetem ao dizer de um único homem.

Se nos apresentarem verdades mais altas, mais luminosas do que as que nós possuímos, e, sob os auspícios mesmos do Mestre que não fechou a porta a nenhum progresso, nós as aceitaremos!

Vi falhar esforços tentados nesse sentido, mesmo entre os supostos amigos de Kardec; pois são numerosos os que, para rasgar tudo à sua vontade, atribuem-se esse título sagrado. (Fazer pata de veludo para melhor arranhar.)

Mas, até o presente, nada pôde suplantar nem invalidar o Espiritismo.

Ao contrário, o número de adeptos vai sempre crescendo, e os pontos mais contestados outrora, conquistam cada vez mais os espíritos no mundo inteiro. Como, por exemplo: a Doutrina da Reencarnação.

Uma filosofia que sai vitoriosa de tantos assaltos, pode observar o porvir com confiança.

De algum lado que venha o ataque: seita Roustaing, Teosofismo ou outros Sofismas, vós não abalareis de modo algum a obra imortal que o divino Missionário edificou sobre a rocha.

Michel Rosen

CONCLUSÃO



Não poderíamos terminar de melhor forma senão reproduzindo de acordo com o jornal *Temps* de 15 de agosto último, o seguinte anúncio:

O Espiritismo se moderniza. Apresentando-se sob as aparências de uma nova religião à nossa sociedade incrédula, se arriscava de não ser escutado de forma nenhuma. Também vem cumprir uma evolução sobre a qual ele conta muito para ser levado a sério. Os continuadores de Allan Kardec não reclamam hoje de um corpo de doutrinas religiosas, mas de um corpo de doutrinas científicas. Eles se reuniram, há alguns dias, em assembleia geral e decidiram por unanimidade que o antigo título de *Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec*, fosse modificado assim como se segue: A Sociedade toma a denominação de “*Sociedade Científica do Espiritismo*”. “Eis aí o que se chama andar com seu tempo.”

Sim, é uma verdadeira evolução e mais grave ainda; ela vai nos reservar boas surpresas. Suprime-se o nome venerado de Allan Kardec para tomar o título de “*Sociedade científica do Espiritismo*”.

Sob essa denominação tão hábil quanto elástica, abrigar-se-á tal sistema como se quiserá: Teosofismo, doutrina de Roustaing, etc., etc. Todas as... evoluções poderão cumprir sob pretexto de Ciência.

O porvir nos demonstrará em qual caminho se deseja entrar, mas cabe a nós velar e, o que quer que aconteça, nos manteremos em direção e contra todos a obra do Mestre, cujo nome ficará inscrito sobre nossa bandeira em letras de ouro.

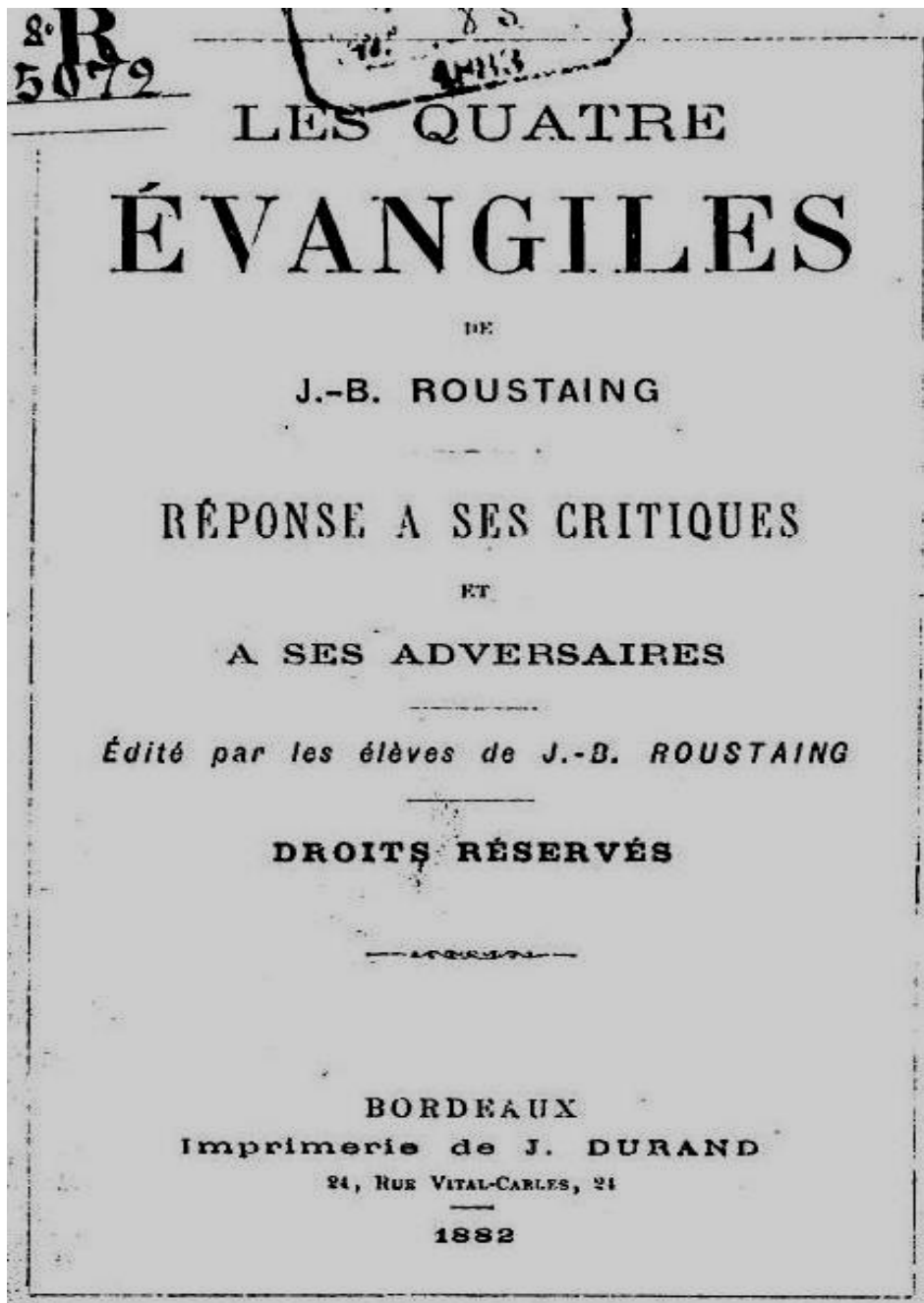
E agora a cada um fazer seu dever! Nós contamos com o apoio moral de todos nossos irmãos, nessa campanha em que a vitória permanecerá definitivamente nos corações direitos, lutando contra os subterfúgios e os processos cautelosos que ousam se produzir às claras, sob a máscara da *Tolerância* e da *Caridade* para melhor surpreender as almas simples.

Nós queríamos a paz, nós o declaramos com toda sinceridade; somos constrangidos a pegar em armas, para salvaguardar a integridade de nossa Doutrina. Inclinem-nos diante dessa disposição providencial e marchemos avante, confiantes na força da Verdade, apoiados sobre nossos irmãos encarnados e desencarnados.

Vê-se, o momento é sério; nossos princípios estão mesmo em causa.
Não temos nós razão de lançar o **grito de alarme**?

Michel Rosen

ANEXO



Capa do livro:

Les Quatre Évangiles de J.-B. Roustaing - réponse à ses critiques et à ses adversaires - édité par les élèves de J.-B. Roustaing

(Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing - resposta aos seus críticos e seus adversários - editados pelos alunos de J.-B. Roustaing)

Ebook disponível no site da **Biblioteca Nacional da França**

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54952406.r=r%C3%A9ponse%20%C3%A0%20ses%20critiques%20et%20%C3%A0%20ses%20adversaires?rk=21459;2>

ROUSTAING CONTRA KARDEC

Como visto, esta publicação da União Espírita Francesa é uma resposta à brochura *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing – resposta aos seus críticos e seus adversários*, publicada em 1883, cujos autores ocultaram-se pela designação “discípulos de Jean Baptiste Roustaing”, mas que foi franqueada pelo órgão que presumia dar continuidade ao Espiritismo — a **Sociedade Anônima para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec**, depois renomeada para a então eclética “Sociedade Científica de Estudos Psicológicos de Paris” — e certa vez distribuída aos assinantes da *Revista Espírita* — que enquanto dirigida pelo Codificador do Espiritismo, era o principal veículo difusor da Doutrina Espírita, e depois, sob a condução de Pierre-Gaëtan Leymarie, transformada em repositório das mais esdrúxulas ideias, ditas “científicas” e “filosóficas”.

Essa brochura roustainguista foi uma última tentativa de pôr em voga as ideias do bastonário de Bordeaux, sem o esperado sucesso — felizmente. Sem conseguir promover as estranhas proposições de Roustaing, todavia, o muito que tal publicação resultou foi plantar certo cisma no movimento espírita, na França, primeiramente, e em seguida no Brasil — Pátria onde mais tarde, depois da derrocada do Espiritismo na França¹⁹, a Doutrina dos Espíritos viria ressurgir. Isso porque, surpreendentemente, J.-B. Roustaing achou lugar para se estabelecer na reconhecida principal instituição de difusão “kardecista” do solo tupiniquim: a Federação Espírita Brasileira, que tem publicado *Os Quatro Evangelhos de Roustaing*, por sucessivas edições.

E é conveniente anotar que numa dessas edições de *Os Quatro Evangelhos de Roustaing* publicadas pela FEB (para ser mais preciso, no

¹⁹ Ver o filme-documentário *Espiritismo à Francesa – a derrocada do Movimento Espírita Francês pós-Kardec*, livremente disponível em <http://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=midia1> — Nota desta Edição (N. E.)

ano de 1920)²⁰, a título de prefácio da obra, foi incluso um trecho da maliciosa brochura editada pelos “alunos de Roustaing”, e justamente a parte mais feroz, pelo que, por ocasião da resposta da União Espírita Francesa — os verdadeiros continuadores da obra de Kardec na primeira hora da nova fase do movimento espírita francês —, ponderamos ser útil aqui transcrevermos, tal como se vê a seguir. De posse desse trecho, os leitores poderão melhor analisar o motivo da flagrante indignação que acometeu Madame Berthe Frope, Gabriel Delanne, o casal Michel e Sophie Rosen e demais espíritas sinceros daquela geração.

O referido trecho, extraído da brochura *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing – resposta aos seus críticos e seus adversários*, que, segundo os seus alunos editores dessa obra, é de autoria do Roustaing e reservada para ser publicada somente depois de sua morte (ocasionalmente também depois da desencarnação de Allan Kardec e sua esposa), compõe-se então de um artigo pelo qual Roustaing responde a uma resenha que o codificador espírita publicou na **Revista Espírita** de junho de 1866 acerca de *Os Quatro Evangelhos*. E aqui fica mais uma sugestão de leitura para o nosso leitor.²¹

Vejamos a seguir o que Roustaing — conforme seus discípulos — disse sobre Allan Kardec.²²

Os editores

²⁰ Ver fotocópias desta publicação da FEB em: <https://espiritismoemmovimento.blogspot.com/2019/02/prefacio-anti-kardec-publicado-pela-feb.html> -- N. E.

²¹ Ebook livremente disponível em <http://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=livro&livroID=81> —N. E.

²² Trecho contido no capítulo *Do caráter e da importância da Revelação da Revelação - Como iniciadora da Fase Teológica - Sua oportunidade “manifesta e incontestável”* em *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing – resposta aos seus críticos e seus adversários* — N. E.

Resposta ao artigo de Allan Kardec

(*Revista Espírita* de Junho de 1867).

Os Quatro Evangelhos, explicados em espírito e em verdade pelos Evangelistas com a assistência dos Apóstolos e de Moisés têm a pretensão de ajudar a apaziguar o moderno conflito que existe entre a ciência e a religião, explicando racionalmente o que é a encarnação do Cristo na terra, de um modo concordante com a ciência e que afasta a eterna querela do milagre por obra do Espírito Santo.

Em 1861 J.-B. Roustaing foi espontaneamente escolhido para começar a obra teológica da qual ele ABRE a fase importante (mas que não termina; ele diz ABRIR, não esqueçamos estas palavras), pondo em ordem as revelações recebidas a partir do mês de dezembro de 1861, até maio de 1865; ele publicou, em 1866, os três volumes dos *quatro Evangelhos* e ofereceu um exemplar a Allan Kardec, que, na sua *Revista Espírita* de junho de 1867, apreciou a obra pela maneira seguinte:

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

OS EVANGELHOS EXPLICADOS

PELO SR. ROUSTAING (*)

(*) Os Quatro Evangelhos, explicados em espírito e verdade pelos evangelistas assistidos pelos apóstolos. Recolhidos e organizados por J.-B. Roustaing, advogado da corte de Bordeaux, antigo bastonário. - 3 vol. In-12 - Preço: 11 francos e 50 centavos, porte pago. - Paris, Livraria espírita, Rua des Petits-Champs n° 5. - Feret, em Bordeaux, 15, cours de l'Intendance. - Aimé Picot, livraria Nouvelle n° 3, Place de la Comédie, em Bordeaux.

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com o auxílio de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho *considerável* e que tem, para os espíritas, o mérito de não estar *sobre nenhum ponto em contradição* com a doutrina ensinada em O Livro dos Espíritos e na de O Livro dos Médiuns. As *partes correspondentes* às de que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num *sentido* análogo. De resto, como nos limitamos às máximas morais que, com raras exceções, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de maneiras diversas; mesmo porque jamais elas foram objeto de *controvérsias religiosas*. É por essa razão que começamos por aí, a fim de sermos

aceitos sem contestação, esperando quanto ao restante que a *opinião geral* se encontrasse mais familiarizada com a ideia espírita.

O autor desta nova obra julgou dever seguir outro caminho; em lugar de proceder *gradativamente*, quis alcançar *todo o objetivo de um só golpe*. Assim é que tratou de certas questões que julgáramos ainda não *oportuno* abordar e, portanto, por consequência, lhe deixamos *a responsabilidade*, bem como aos Espíritos que as comentaram. Consequente com *o nosso princípio*, que consiste em regular a nossa marcha pelo *desenvolvimento da opinião*, não daremos, até nova ordem, a essas teorias, *nem aprovação, nem desaprovação*, confiando ao *tempo* o encargo de *sancioná-las* ou *contradizê-las*. Convém, desta forma, considerar tais explicações como *opiniões pessoais* dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser *justas* ou *falsas*, que, em todo caso, precisam de SANÇÃO DO CONTROLE UNIVERSAL, e, até uma confirmação mais ampla, não devem ser tidas *como parte integrante da doutrina espírita*.

Quando tratarmos *destas questões*, nós o faremos diretamente; mas apenas quando tivermos recolhido *documentos* bastante numerosos entre os ensinamentos dados de *todas as partes* pelos Espíritos, para podermos falar *afirmativamente* e ter a certeza de estarmos *em acordo com a maioria*; assim é que temos feito todas as vezes que se cogitou de *formular um princípio fundamental*. Já o dissemos cem vezes: para nós, *a opinião de um Espírito*, qualquer que seja o nome que ele tome, só tem o valor de uma opinião individual; o nosso *critério* reside na CONCORDÂNCIA UNIVERSAL, *corroborada por uma rigorosa lógica*, sobre coisas que não possamos *verificar* pelos nossos próprios olhos. De que nos serviria dar *prematuramente* uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, ela poderá ser combatida pela *generalidade dos Espíritos*?

Dissemos que o *livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios* de O Livro dos Espíritos e de O Livro dos Médiuns; as nossas observações referem-se, portanto, à *aplicação* desses mesmos princípios à *interpretação* de certos fatos. É assim, por exemplo, que aquele livro *dá ao Cristo*, em vez de um *corpo carnal*, um *corpo fluídico concretizado*, com todas as *aparências da materialidade* e faz dele um *agêner*. Aos olhos dos homens, que não poderiam compreender a sua natureza espiritual, ele teve que passar EM APARÊNCIA — palavra esta que é repetida incessantemente por todo o curso da obra — por todas as *vicissitudes da humanidade*. Desse modo *se explicaria o mistério do seu nascimento*: Maria não teria tido senão as *aparências* da gravidez. Este ponto, posto como premissa e *pedra angular*, é a *base* sobre a qual ele se apoia para a explicação de todos os *fatos extraordinários* ou *milagrosos da vida de Jesus*.

Sem dúvidas, não há nada de *materialmente impossível* nisso para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual; sem nos pronunciarmos *a favor* ou *contra* esta *teoria*, diremos que ela é, pelo menos, *hipotética* e que, se um dia, ela viesse a ser reconhecida *errônea*, o *edifício desmoronaria* por falta de alicerce. Esperaremos, pois, os *numerosos comentários* que ela não deixará de *provocar* da parte dos Espíritos e que hão de contribuir para *elucidar* a questão. Sem a *prejulgarmos*, diremos que já se tem feito *sérias objeções* a essa *teoria*, e que, a nosso ver, os *fatos* podem ser perfeitamente *explicados* sem sair da humanidade corporal.

Estas observações, subordinadas à *sanção do futuro*, em nada *diminuem* a importância dessa obra que, apesar de algumas *coisas duvidosas* segundo o nosso ponto de vista, contém outras *incontestavelmente boas e verdadeiras* e será *usufruída* com

proveito pelos espíritas sérios.

Se a substância de um livro constitui o principal, a forma não é de se desprezar, e também contribui para o seu sucesso. Achamos que *certas partes* são *exploradas* excessivamente e sem utilidade para a *clareza*. A nosso ver, se, limitando-se ao estritamente necessário, poder-se-ia ter reduzido a obra a dois ou mesmo a *um só volume* e ela ganharia em popularidade.

Allan Kardec

Em Junho de 1867, já estávamos longe do ano de 1861, época na qual Allan Kardec dizia, na página 123 de O Livro dos Médiuns: “Não *preconizamos* e nem *criticamos* qualquer obra, não querendo influenciar *de nenhum modo* a opinião que dela se possa formar; trazendo nossa pedra ao edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos pertence ser *juiz e parte* e não alimentamos a *ridícula pretensão* de ser o único distribuidor da luz; toca ao leitor separar o *bom do mau, o verdadeiro do falso!!*” (Essa fala de ouro, nós a imprimimos três vezes para bem nos lembrarmos dela).

Aplicar o nosso método de crítica ao artigo de junho de 1866, aí se encontrar tudo o que apresentamos a nossos leitores a propósito da introdução de O Evangelho segundo o Espiritismo; tudo lá está: o *fundo, a forma, o ostracismo, a infalibilidade*; é a aplicação do sistema preconcebido, a uma obra à que se faz desde logo o *mais belo enterro de primeira classe* que se pudera sonhar.

Na França, geralmente, pouco se lê; os espíritas, na sua maioria habituados a aceitar tudo, disseram: o *chefe, o mestre*, certamente *aplicou* o seu controle universal aos três volumes de J.-B. Roustaing; não devemos nem comprar e nem ler uma *obra inútil*.

Malgrado ao prudente e judicioso emprego que Allan Kardec fazia do seu critério infalível, nosso caso prova isso, estamos certos de que esse critério não existia; Sr. d’Ambel o tem dito, ele que foi seu secretário e seu médium preferido, e o Sr. Canu, secretário das sessões da Sociedade, homem honesto, natureza franca, não querendo aceitar a responsabilidade daquilo que ele sabia ser contrário à verdade, procedeu do mesmo modo, assim como outros espíritos livres os imitaram.^(*)

(*) Allan Kardec não era *esclarecido* de uma maneira *segura* pelo seu critério e em muitos casos deveria invocá-lo para o ser *eficazmente*, o que não fez a propósito da *Liga do Ensino*; lemos na *Revista Espírita* suas respostas um pouco autoritárias às propostas que lhe dirigiu Jean Macé, presidente e criador

dessa Liga, e com as quais ele claramente recusava se ocupar por uma “*questão da qual ele não via utilidade*”. Hoje, todo mundo conhece a alta importância dessa liga.

Seu critério deveria tê-lo advertido de que, sob o patronato da *Liga do Ensino*, foram fundadas na França mais de seis mil *bibliotecas populares*, o que houvera dado às obras espíritas milhões de leitores. Em 1864 o Mestre proferiu o seu *non possumus* [não podemos].

Por efeito de suas ideias por demais preconcebidas, rejeitava os argumentos e as comunicações espíritas que, antes de Darwin, afirmavam a verdade da *descendência do homem*, bem como a *seleção* e a *evolução* das espécies, afastando assim dos pensadores da sua Sociedade.

Allan Kardec não gostava das manifestações físicas; seus adeptos aprenderam a ter um santo horror delas. Pretendia que o *corpo* de um Espírito não podia ser senão uma *aparência fluídica* e que a nossa *mão* não poderia sentir a *menor resistência* ao tocar essa aparição. O que fosse dito alhures sobre esse assunto interessante seria remetido à categoria de patos ianques.

Pode-se ter um *critério universal*, mas não se saber tudo, nem tudo prever”.

O que ele considerava *seu controle universal, corroborada por uma rigorosa lógica*, lhe pregava dessas peças; não somente estava em *desacordo* com a ciência moderna em muitos pontos, como ainda teria sido *cruelmente desapontado* se tivesse vivido o bastante para ver provado por R. Wallace, Hare, Varley, Crookes, Webert, Zollner etc, que um *Espírito*, sem ser um *agênera*, pode tomar um *corpo fluídico materializado*, tangível, no qual se observam a *circulação do sangue* e todas as *aparências da vida*; que esse corpo fluídico se *desagrega* tão depressa quanto se *materializa*, exatamente como o fez durante três anos o espírito Katie-King, enviado primário que desempenhava, dizia ele, “*a dolorosa missão necessária ao seu adiantamento espiritual*”.

Allan Kardec, nas suas conversações e nos seus escritos, manifestava essa pretensão, de tachar de *Docetismo* (doutrina errônea, falsa e condenada) tudo o que tendesse a provar que o Cristo não teve mais que um *corpo fluídico* durante sua jornada na terra; os quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing eram diretamente objetivados por essa apreciação.

No jornal *A Verdade*, Philalétès falava de Docetismo; Allan Kardec se apoderou dessa expressão para aplicá-la à nossa obra.

Responderemos a essa *pretensão*, a essa insinuação que, se não é *intencional*, prova que o autor do sistema preconcebido não conhecia a

doutrina dos Docetas, pois que a considerava semelhante à nossa.²³

A revelação feita pelos Espíritos superiores, tendo em vista a obra dos quatro Evangelhos explicados em espírito e verdade, está em conformidade com as modernas descobertas da ciência, com todas as asserções dos investigadores que citamos. Allan Kardec ignorava esse fato, ou o conhecia superficialmente; ele provavelmente não sabia também o que era o Docetismo.

Esse assunto tem sido a maior preocupação da minha vida.

Então, *refutarei* a asserção do Sr. Allan Kardec e endireitar os erros que permeia a correspondência trocada a tal respeito pelos Srs. de Mirville e Philalétès (A. Pezzani, do jornal *A Verdade* - Lyon).

Philalètes escrevia ao sr. de Mirville:

“Aqui está um *escritor espírita* que acolhe, de acordo com os Espíritos que se presumem os Apóstolos, o *Docetismo*, isto é, a velha opinião que o Cristo não veio a este mundo na carne, que ele não teve senão as aparências de um corpo; devemos dizer como vós, que profetizais no quarto volume da vossa obra, o ressurgimento do *Docetismo*, que os *Espíritos* que deram aqueles ditados *sejam demônios*? Mas então nós vos perguntaremos como esses demônios puderam escrever, ao lado de semelhante *erro*, páginas da *mais sublime moral*, os mais impressionantes *comentários* sobre os preceitos evangélicos? Para obter *um ponto de doutrina quase insignificante* à condução, iriam eles se expor a converter os homens e lhes inspirar o bem? Ora, como Deus nos julga mais pelos nossos atos do que pelas nossas opiniões de boa-fé, dar-se-ia que o próprio Satanás teria conquistado almas para o céu.

São espíritos imbuídos desta opinião, a qual, mesmo em nossos dias, de raros aderentes, quiseram sustentar e fazer triunfar, atraindo seus

²³ Segundo essa brochura roustainguista, Allan Kardec teria acusado a ideia do corpo fluído proposto em *Os Quatro Evangelhos de Roustaing* de imitar o Docetismo (pensamento defendido por alguns cristãos do século II cuja proposição é a de que o corpo de Jesus não passava de uma “aparição”, donde surge o termo *doceta*, do grego *dokeō* (δοκέω), “para parecer”; isso porque, para estes pensadores, o mundo material era mau, impuros, e o Cristo não poderia então se associar fisicamente a essas impurezas). O curioso dessa resposta de Roustaing é exatamente onde ele leu Kardec fazendo tal associação — e não foi na referida resenha da *Revista Espírita* de junho de 1866. Nós o diremos, porque é de grande valia que se saiba...

Tal associação está presente no finalzinho — último parágrafo — do capítulo XV do livro *A Gênese*, de Allan Kardec, conforme a 5ª edição. Ali se lê Kardec referindo-se às teses de Jesus revestido de um corpo fluídico: “Tinham a mesma crença os docetas, seita numerosa dos Gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos.” Acontece que, como já é sabido, a partir da 5ª edição, o conteúdo original desse livro foi substancialmente adulterado, tendo sido alguns trechos editados e outros suprimidos, além da inclusão de novos parágrafos, entres os quais — justamente — esse, mencionando os docetas. Portanto, Roustaing estaria respondendo a uma menção falsamente atribuída a Kardec. Mais informações em <http://www.luzespirita.org.br/index.php?lisPage=enciclopedia&item=A%20G%C3%AAnese> — N. E.

irmãos para o bem através de seus excelentes conselhos morais.

Este artigo do Sr. Philalétés, sob o império da preocupação onde ele havia se colocado, de um argumento contra o Demonismo do Sr. de Mirville, foi escrito sem conhecer o homem a quem designa como “*um escritor espírita*”. Sem ter feito *até então* uma leitura e uma meditação suficientemente da obra do Sr. J.-B. Roustaing, ele lhe diz, bem como aos Apóstolos, o *contrário* do que estes revelaram; ele desconhecia o *caráter* e o *alcance* dessa revelação.

O escritor espírita *sabia*, muito *antes* de ter sido escolhido para criar os quatro Evangelhos, que o Docetismo é um velho erro, colocado por *Matter* à frente de todas as heresias, segundo a linguagem católica.

Seria *um ato absurdo de incredulidade e de ignorância elevadas à mais alta potência*, acolher o Docetismo a título de revelação da revelação feita pelos Evangelistas e pelos Apóstolos, e como explicação, em espírito e verdade, dos quatro Evangelhos e também da encarnação do Cristo.

Matematicamente vamos provar aquilo que avançamos de uma maneira evidente:

1º Especificaremos *o que constitui o Docetismo*, essa antiga opinião, erro que surgiu no primeiro século da nossa Era, que tomou no segundo século o caráter e as proporções de uma seita, cujo chefe foi *Júlio Cassiano*; *esse erro foi renovado no século VI*.

2º Citaremos as *próprias palavras* daquele que Philalétés chama o escritor espírita, palavras que se encontraram no meu prefácio dos quatro Evangelhos, e igualmente *as próprias palavras* dos Espíritos que inspiraram e dirigiram essa obra.

Que os espíritas e os partidários de Mirville e de Philalétés não esqueçam que Roustaing era advogado e fora o *bastonário* da ordem dos advogados bordeleza, que tanto brilho deu à advocacia francesa. (*)

(*) J.-B. Roustaing foi um jurisprudente sábio e profundo, advogado poderoso pela sua dialética e pela atração da sua eloquência. Possuía também, no tocante às coisas humanas e divinas, uma ciência e uma erudição excepcionais, angariadas em imensos trabalhos e em extraordinários estudos.

É a esse homem de coração simples e de espírito humilde que Allan Kardec acusa — sem dúvida, inconscientemente — de fazer um *agênere do Cristo encarnado pelo espírito*, e com o Sr. Philalétés, *de cujas palavras se apropriou, de ressuscitar o*

Docetismo. Nem um e nem outro havia lido Roustaing; ambos eram *ignorantes* e não culpados, mas eles espalharam escritos errôneos, o que constitui uma falta grave.

O Sr. Philalètès (A. Pezanni) devia lembrar-se de que, em 1860, ele *havia iniciado* no Espiritismo o seu colega Roustaing; este último, *com ele*, penetrou nessa babel da ortodoxia cristã e perlustrou a história das suas heresias; Sr. Pezzani lhe *mostrado o que era o Docetismo* de que lhe deu a inteligência, levando-o a percorrer a trajetória com o auxílio das obras de santo Inácio, de s. Policarpo, de s. Irineu, de Eusébio (*História Eclesiástica*), de Teodoro, de Clemente de Alexandria, de Beaussobre (*História do Maniqueísmo*), de Bergier, de Feller, de Fluquet, de Matter.

Roustaing e Philalètès compreenderam e reconheceram então que o Docetismo era um desses *numerosos erros* dados à infância da humanidade do Cristo, humanidade que se agitava dentro dos seus vários idiomas sob a *obscuridade e o véu da letra*, na presença da casca do *mistério*, do prestígio do *milagre*. (*)

(*) Sr. Roustaing, nessa época de estudos, *anterior* à criação dos quatro Evangelhos, nos chamou a atenção para as palavras dos apóstolos Paulo e João, em relação à encarnação do Cristo e à divindade que a ortodoxia cristã lhe concedeu, umas de *atualidade, transitórias* e necessárias ao *reino da letra* que deveria durar até os nossos dias, assim como convinha, *visando o futuro*; estas últimas, sob o *reinado do espírito*, teriam que servir de base e de elementos à revelação futura e predita do *espírito da verdade*, para ser a sanção prévia dessa revelação.

Mais tarde, ele nos ensinava que a *revelação da revelação* tinha se tornado necessária e como ele *reunia* o que lhe *fora dado* para a criação dos quatro Evangelhos, ele nos explicava o que era a nova luz, *o espírito que vivifica* pela destruição de todas as heresias, principalmente aquelas que se achavam em curso quanto à encarnação do Cristo e à divindade que lhe foi atribuída segundo a letra. (Nota dos discípulos de Roustaing)

O QUE É O DOCETISMO? Para bem o compreendermos e o especificarmos, vamos pôr a ortodoxia na presença da heresia.

Para os *ortodoxos*, como para os *docetas*, não havia senão um mundo na imensidade da criação universal: *a terra*; e uma única humanidade: a do *homem terreno*.

Os dois adversários diziam: conforme a *presciência* e a *sabedoria* infinitas de Deus, como condição e meio do progresso humano, a dupla

revelação feita pelo anjo a Maria, e depois a José, deve ser entendida assim, *segundo a letra*: — Aquela feita a Maria, para servir *ao reinado da letra*. — Aquela feita a José será colocada sob *o império do espírito*.

Diante destas palavras do apóstolo Paulo quanto ao Cristo: “*Ele era sem pai, sem mãe e sem genealogia, o meio e o instrumento da inteligência em espírito e em verdade*”, obedecendo ao curso das leis da natureza da encarnação do Cristo.^(*)

(*) Compreendemos isso hoje graças às novas revelações acerca da pluralidade dos mundos e sua hierarquia, da pluralidade das existências e sua hierarquia, e das leis naturais que a regem; sobre as palavras do Cristo com relação à sua origem, à sua natureza espiritual e extra-humana, ao modo de sua aparição sobre a Terra.

Segundo os *ortodoxos*, “Jesus veio em carne, encarnando no seio de Maria, *derrogando* as leis naturais de procriação e da reprodução em nosso planeta, leis que exigem o concurso dos dois sexos, e para que o homem nascesse da mulher por uma *encarnação miraculosa*, por *obra do Espírito Santo*, ou do próprio *Deus*, o Criador incriado, único eterno e infinito. Em consequência dessa encarnação, *Cristo é filho de Deus*, parte *dividida*, ainda que *inseparável* do pai, *igual a ele*. Homem-deus vindo do corpo da mulher, revestido de um corpo humano material do planeta, e mortal, enquanto sujeito à morte humana. Deus, como parte dividida ainda que inseparável de Deus e igual a ele; *ressuscitado* pela volta do espírito ao cadáver humano, *tal como aquele* do homem do nosso planeta.

Está lá, a *letra* das palavras do Cristo: “*Eu sou filho de Deus*”, tal como os *ortodoxos* a interpretam.

Na opinião dos *Docetas*, “Jesus não encarnou no seio de Maria, não podia ter vindo POR ISSO MESMO e não veio a este mundo numa carne *qualquer*, da qual, em suma, só tinha as aparências; espírito, ele DESCEU do céu à terra, sem ter podido — na falta de encarnação humana no seio da mulher virgem — revestir e não tendo revestido corpo algum, o *único* que ele poderia ter tomado neste mundo seria um *corpo humano*; segundo as leis da geração, o homem não pode nascer senão pelo concurso dos dois sexos. Jesus Cristo *espírito*, com um corpo fantástico, fictício, que só tinha as aparências da carne, descera assim à terra com a aparência de corporeidade humana de nosso planeta e de uma corporeidade *qualquer*”.

Não se tratava, nessa crença dos Docetas, mais do que de uma luta, SOBRE A LETRA, com os ortodoxos.

A chave da explicação, *em espírito e em verdade*, segundo o curso das leis da natureza, da encarnação especial do Cristo, faltava aos Docetas tanto como aos ortodoxos; longos séculos haviam de rolar antes que o homem fosse capaz de receber e compreender a revelação da revelação que lhe vem ensinar:

- 1° Que o *Espírito puro* não pode aparecer em um mundo fluídico, imediatamente inferior às regiões dos fluidos puros que ele habita, senão por *encarnação* ou *incorporação fluídica* voluntária;
- 2° Ele não pode descer ao planeta superior ou inferior onde ele é o messias, senão *assimilando esse corpo fluídico* às regiões que ele percorrerá através das camadas de ar e de mundos intermediários, através dos fluidos ambientes que servem para a formação do homem planetário;
- 3° Esse *Espírito puro* não pode aparecer numa terra senão seguindo o *curso das leis naturais*, pela *ação espírita e magnética*;
- 4° Com a ajuda da *influência* magneto-espírita, a concepção, a gravidez e o parto podem ser imitados; essa *ação fluídica* dá lugar a este notável fenômeno, de maneira a produzir a ilusão completa na mulher virgem e nos homens o constatam;
- 5° Essa ação é útil, oportuna e necessária para *a aparição de um Messias*.

Uma vez definido o Docetismo, não posso acolher um absurdo, cometer esse *ato de ignorância e de credulidade* elevada à mais alta potência; citaremos textualmente o que dizem os Espíritos que inspiram os quatro Evangelhos, *obra única* até os nossos dias.

Jean-Baptiste Roustaing

